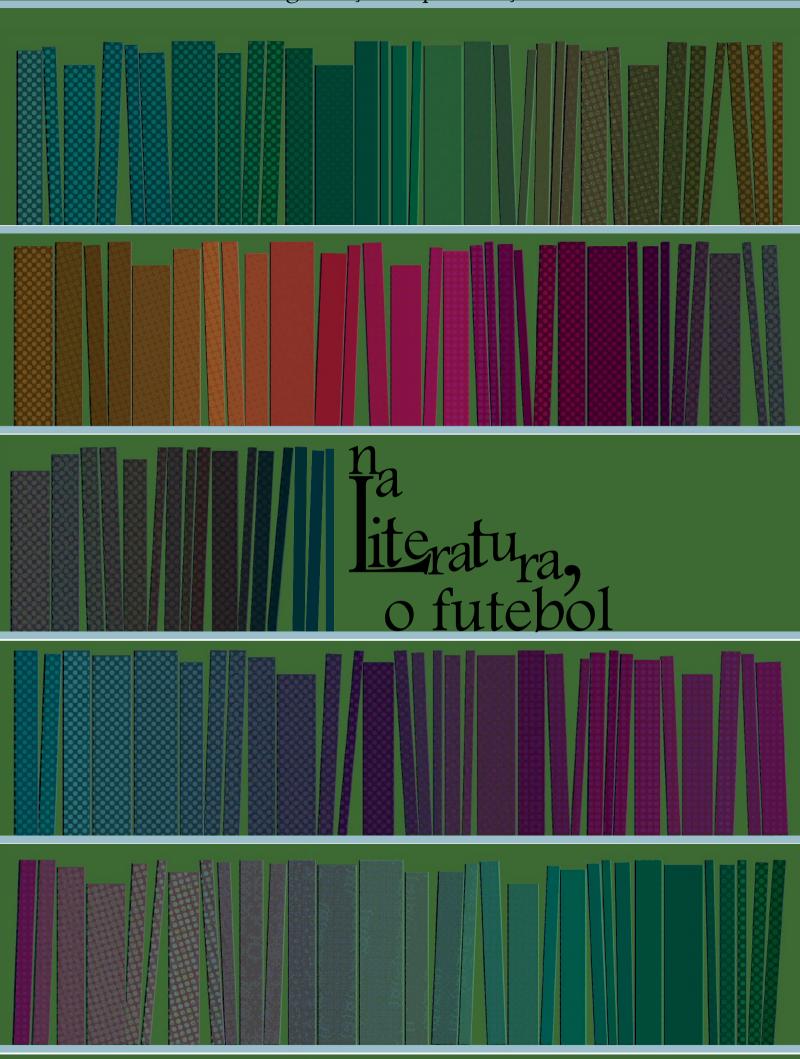
Elcio Loureiro Cornelsen

Organização e Apresentação





Edição © O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais. 2022

Curadoria: Fábio Figueiredo Camargo

Projeto gráfico: Antonio K.valo

Revisão: Maria Elisa Rodrigues Moreira

Estágio: Barbara Caetano

Catalogação na Publicação - CIP

N111 Na literatura, o futebol [recurso eletrônico] / Elcio Loureiro Cornelsen organização e apresentação. 1. ed. — Uberlândia: O Sexo da Palavra,

E-book: il. color.

E-book, no formato ePub, convertido do livro impresso. Modo de acesso: Internet. ISBN 978-65-88010-32-7 Inclui bibliografia.

1. Literatura brasileira – História e crítica. I. Cornelsen, Elcio Loureiro, org. II. Título.

CDD: B869.9 CDU 82.09

Elaborada por Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6-2091

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.



O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais Av. Cesar Finotti, 566/302 | Jd. Finotti CEP: 38.408-138 | Uberlândia - MG

Tel: (34) 3084-3592

CNPJ: 27.693.900/0001-18

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

www.osexodapalavra.com

CONSELHO EDITORIAL

Alex Fabiano Jardim Ana Maria Colling André Luis Mitidieri Andréa Sirihal Werkema Antonio Fernandes Jr. Cláudia Maia Cleudemar Fernandes Davi Pinho Djalma Thurler Eliane Robert Moraes Eneida Maria de Souza Emerson Inácio Flávia Teixeira Flávio Pereira Camargo Joana Muylaert Larissa Pelúcio Leandro Colling Leonardo Mendes Luciana Borges Luiz Morando Maria Elisa Moreira Mário César Lugarinho Nádia Batella Gotlib Patrícia Goulart Tondinelli Paulo César Garcia Renata Pimentel Ricardo Alves dos Santos Telma Borges Vinícius Lopes Passos

CURADORIA

Fábio Figueiredo Camargo Leonardo Francisco Soares Ivan Marcos Ribeiro



Elcio Loureiro Cornelsen

Organização e Apresentação

1^a EDIÇÃO
Uberlândia - MG
2022



A COLEÇÃO

A coleção Na literatura surge a partir de dois desejos. O primeiro deles diz da necessidade de se colocar o diverso em convivência: procuramos, nos pequenos livros que a compõem, articular pesquisadores de diversos locais e interesses, assim como em diferentes momentos de suas formações, para refletirem sobre como certas temáticas são abordadas pela literatura. O segundo diz da crença na partilha dos saberes e dos afetos: por isso, os livros foram concebidos em formato e-book e com distribuição gratuita. É uma forma de fazer com que eles possam ser acessados pelo maior número de pessoas, nos mais diversos lugares, perfazendo-se como uma rede de provocação ao pensamento.

Maria Elisa Rodrigues Moreira Idealizadora / Diretora da Coleção

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
ENTRE A DISCIPLINA E A POESIA: AS CRÔNICAS DE VARGAS NETTO NO <i>JORNAL DOS SPORTS</i> André Alexandre Guimarães Couto	08
ROMANCE INDEPENDENTE? ÁGUA-MÃE E O LUGAR DO FUTEBOL NA FICÇÃO DE JOSÉ LINS DO REGO Bernardo Borges Buarque de Hollanda	21
RENATO MARAVILHA DADÁ NEGRÃO: POEMA PRECISO DE FUTEBOL Gustavo Cerqueira Guimarães	37
TEATRO TRÁGICO DO FUTEBOL NA OBRA DE SÉRGIO SANT'ANNA Leda Maria da Costa	50
AS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL EM <i>LUZES</i> <i>DE NITERÓI</i> , DE MARCELLO QUINTANILHA Marcel Vejmelka	65
GAZETAS RIMADAS: POESIA E HUMOR NOS PRIMÓRDIOS DO FUTEBOL Marcelino Rodrigues da Silva	82

APRESENTAÇÃO

A relação entre literatura e futebol é muito profícua. O nobre esporte bretão naturalizado brasileiro oferece assunto, temas e personagens propícios à ficcionalização: a tensão em uma final de campeonato, o pênalti decisivo convertido ou perdido, a tragédia de uma lesão fatal, a vitória nos últimos minutos da partida, a rivalidade entre torcidas etc., tudo se oferece ao ficcionista — em poemas, contos, romances e outros gêneros textuais — para lidar, ao mesmo tempo, com as vitórias e as tragédias humanas.

Em um gênero textual específico — a crônica —, híbrido por natureza, a literatura também oferece subsídios para registrar, no universo do jornalismo, "a vida ao rés do chão", como diria Antonio Cândido, o dia a dia de nosso futebol, seus *causos*, heróis, vilões, escândalos, triunfos etc. Nomes como Nelson Rodrigues e Armando Nogueira figuram na galeria de cronistas que exploraram o viés literário no tratamento do tema do futebol, seja a partir de um estilo hiperbólico no caso do "anjo pornográfico", seja a partir de um estilo de grande lirismo no caso do "mestre" Armando. A esse seleto panteão podemos acrescentar também Carlos Drummond de Andrade e suas várias crônicas e poemas dedicados ao futebol, através do olhar daquele que se dizia um leigo no assunto, mas que não ficou alheio a uma das manifestações culturais mais significativas em nosso país.

As contribuições de André Alexandre Guimarães Couto, Bernardo Buarque de Hollanda, Gustavo Cerqueira Guimarães, Leda Maria da Costa, Marcel Vejmelka e Marcelino Rodrigues da Silva, presentes neste livro, evidenciam a riqueza do espectro de estudos sobre a relação entre literatura e futebol, da crônica esportiva aos contos, do romance e da poesia à história em quadrinhos.

Belo Horizonte, dezembro de 2021.

ENTRE A DISCIPLINA E A POESIA: AS CRÔNICAS DE VARGAS NETTO NO *JORNAL DOS SPORTS*

André Alexandre Guimarães Couto

Apresentações iniciais

Este artigo se propõe a discutir a obra de Manoel do Nascimento Vargas Netto (1903-1977) nas páginas de um dos principais periódicos da imprensa esportiva brasileira, sediado na cidade do Rio de Janeiro: o *Jornal dos Sports (JS)*.¹ Oriundo da família Vargas, de São Borja (RS), filho de Viriato Dornelles Vargas e sobrinho de Getúlio Vargas (que se tornaria presidente da República brasileira nos períodos de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954), Vargas Netto provinha de uma família oligárquica, proprietária de terras e com forte atuação na política do estado gaúcho.²

Sua formação acadêmica na área de Ciências Jurídicas e Sociais (Faculdade de Direito de Porto Alegre), além da influência política do sobrenome de sua família, fizeram com que atingisse uma série de postos de trabalhos no setor público como, por exemplo, procurador público do Distrito Federal; consultor jurídico do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos (IAPM) e procurador da prefeitura do Rio de Janeiro; juiz e promotor público em Porto Alegre.³

Posteriormente, assumiria cargos importantes no dirigismo esportivo, como a presidência da Federação Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro (por quase 10 anos desde 1942), além de ser membro efetivo do Conselho Nacional

¹ Fundado em 1931 pela parceria do jornalista Argemiro Bulcão com o proprietário de gráfica Ozéas Motta, o *Jornal dos Sports* conseguiria se consolidar nos anos e décadas seguintes como um dos principais diários esportivos do país. Em 1936, foi adquirido pelo jornalista Mário Rodrigues Filho (COUTO, 2011).

² Seu pai, inclusive, fora prefeito da cidade de São Borja, entre 1911 e 1915, além de ter se tornado uma liderança política local há mais tempo, sendo, inclusive, um dos fundadores do Partido Republicano em sua cidade natal (VARGAS NETTO, 2009). Posteriormente, assumiria o cargo de ministro do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul entre 1930 e 1937 (IVETE VARGAS, 2009).

³ Cabe lembrar que alguns destes cargos e ocupações foram concomitantes, a partir da década de 1930. E também que, antes de se instalar no Rio de Janeiro, exerceu a profissão de advogado criminalista em sua cidade natal, logo após a sua formação acadêmica (VARGAS NETTO, 2009).

de Desportos (CND) e vice-presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) por oito anos (HOLLANDA, 2012, p. 95). No campo da política mais ampla, lançaria sua candidatura ao cargo de deputado federal na assembleia constituinte de 1946 e no mandato seguinte, de 1946-1951, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).⁴

Ao longo de toda a sua trajetória política, profissional e administrativa, o universo das comunicações esteve presente, principalmente porque atuou na organização e na elaboração de conteúdo para diversos jornais em sua terra natal (São Borja), na capital gaúcha, Porto Alegre, e também no Rio de Janeiro. Debatendo política em prol da campanha para seu tio nas eleições de 1930 (com o jornal do Partido Republicano Rio Grandense – *O Uruguai*), passando por comentários gerais no porto alegrense *Diário de Notícias*, até o cargo de redator do carioca *A Noite*, Vargas Netto acumulou experiência profissional no meio da imprensa, além de ampliar significativamente seu rol de relações pessoais, sociais e políticas.

Também transitou pelo campo da literatura, sendo considerado um dos principais nomes da poesia modernista e regionalista gaúcha (BRITO, 1968). Publicou algumas obras com essa identidade literária regional como, por exemplo, *Tropilha crioula: versos gauchescos* (1925), *Joá* (1927), *Tu* (1928), *Gado Xucro* (1929), *General Vargas* (1938) e o livro póstumo *Poemas Farrapos*, de 1978 (HOLLANDA, 2012, p. 94).

Interessante é percebermos que Vargas Netto acumulava funções ao longo de sua vida (áreas jurídica, administrativa, gerencial, comunicacional, política e artística), e é justamente o campo da literatura e da poesia que será colocado à parte,

⁴ Importante ressaltar que no parlamento brasileiro atuou na Comissão Permanente de Diplomacia (VARGAS NETTO, 2009).

⁵ Dentre os analistas literários que o consideram precursor da poesia modernista no Rio Grande do Sul, destacamos Mário da Silva Brito e Antonio Miranda (HOLLANDA, 2012, p. 94).

⁶ As primeiras obras ainda no final da década de 1920 foram publicadas pela Editora Globo, responsável pela maior parte dos livros dos grandes autores literários do Rio Grande do Sul. Já seu último livro, publicado logo após sua morte, foi editorado pela Civilização Brasileira. Ainda de acordo com críticos literários, seus principais trabalhos literários foram *Tropilha crioula: versos gauchescos* e *Gado Xucro*. A partir de 1955, foram reunidas em um único volume.

por conta de suas demais ocupações.⁷ No entanto, se não ocorreu no período pós 1930 uma produção contínua e sistemática de seus versos poéticos, o autor ocupava este espaço justamente em outro ambiente: o cronismo esportivo. Nesse caso, tratava de temas diversos, desde a leitura de um episódio urbano e corriqueiro, quanto o debate de um assunto de proporções nacionais, tendo o esporte como universo macro de suas preocupações.

Desta forma, o *JS* abria não só um espaço de atuação profissional na imprensa esportiva para Vargas Netto, como lhe conferia um local específico e privilegiado para a publicação e divulgação de seus respectivos textos, graças a uma coluna com o seu próprio nome. "A Crônica de Vargas Netto", portanto, tornava-se um dos principais elementos de diálogo inter(textual) do periódico com seus leitores, bem como de "conversas" entre o autor e outros integrantes da equipe do *JS*, e também com demais figuras importantes das sociedades carioca e brasileira (COUTO, 2016).8

A crônica, como gênero híbrido, na interlocução entre o texto literário e o jornalístico, sem hierarquizar a relação entre o real e a ficção, entremeando doses de humor, ironia e ludicidade, encontrava no JS um caminho fértil no diálogo com o esporte. Dessa forma, as crônicas como textos inter(subjetivos) apontavam uma ponte narrativa que unia a missão do periódico em noticiar as práticas esportivas (em especial, o futebol) com as intenções e os olhares individuais dos autores/cronistas na criação das representações sociais, coletivas e culturais que traziam para as páginas do JS. É a partir dessa percepção que podemos agora tratar da obra de Manoel Vargas Netto, ou

⁷ Para reforçarmos a tese de que a atividade literária não era uma ocupação meramente ocasional nos anos 1920, temos a informação de que fora integrante da Fundação Eduardo Guimarães, no Rio Grande do Sul, da Academia de Letras Fronteira Oeste e da Estância da Poesia Crioula de Porto Alegre (VARGAS NETTO, 2009), sendo esta última, inclusive, mais do que uma instituição, considerada como um movimento tradicionalista da poesia gaúcha (COUTO, 2016, p. 157).

⁸ Cabe informar que outros escritores importantes também compuseram o time de cronistas que se destacou nas décadas de 1940 e 1950 no *JS*, como, por exemplo, José Lins do Rego, Álvaro do Nascimento ("Zé de São Januário"), Florita Costa e Inah de Moraes (COUTO, 2016).

seja, sob a luz de um espectro que leve em conta sua trajetória profissional e acadêmica e sua capacidade de se relacionar com o meio político, jornalístico e esportivo.

As crônicas de Vargas Netto no JS

Como já tratamos acima, Manoel Vargas Netto ocupara um espaço relevante no *JS* a partir da década de 1940, tornando-se um dos principais cronistas do periódico. Por certo, principalmente em comparação com seus pares contemporâneos, era um autor que se caracterizava pela polidez e pela defesa irrestrita da disciplina, da ordem e da institucionalização/organização do esporte. Não por acaso, escrevia várias crônicas enfatizando a importância dos clubes (esportivos e/ou sociais), além das associações e agremiações esportivas. Em várias ocasiões, tinha uma visão ufanista do esporte nacional, inclusive no que tange ao comportamento da torcida brasileira em eventos importantes como a Copa do Mundo da FIFA (1950).

Como integrante do movimento modernista e regionalista, sua trajetória oriunda da narrativa poética dos anos 1920 contribuiu diretamente na sua formação como cronista esportivo. Cabe ressaltar que a poesia gaúcha regionalista dos anos 1920 se caracterizava pelo amálgama do tradicionalismo local com as representações do modernismo do início do século XX, materializando-se na defesa da cultura, histórias, memórias e "heroísmos" do povo gaúcho. Dessa forma, há uma clara fonte no romantismo do século XIX, ressignificando a poesia regionalista gaúcha das primeiras décadas do século seguinte (MARCON; ARENDT, 2014). Em suas crônicas sobre esporte, a figura do herói, sob o aspecto nacional ou

⁹ Como exemplo deste modelo de representação do herói gaúcho, podemos citar o poema "Farrapo" (VARGAS NETTO, 1978). Nesse texto, o autor glorifica o heroísmo e a coragem dos soldados da Revolução Farroupilha (1835-1845), na tentativa de reviver um momento histórico e atender à defesa do tradicionalismo gaúcho.

individual, famoso ou anônimo, real ou fictício, seria muitas vezes lembrada, como uma das chaves de interpretação do futebol brasileiro. Como exemplo, podemos verificar esta representação na crônica "Desportista do Acre":

Vem de Rio Branco, lá do longínquo território do Acre o Sr. Milton Braga Rolla, presidente do Clube de Football Fortaleza, da capital daquele território. O Fortaleza está sem campo. Tem o terreno, mas precisa de um auxílio para as instalações e o seu presidente veio do Acre ao Rio de Janeiro na esperança de conseguir esse auxílio. O Brasil é grande, mas a abnegação, a perseverança e o idealismo desse desportista não se intibiam com as distancias territoriais. Veio à sua custa lutar pelo seu pequeno clube, em nome dos seus duzentos e tantos socios. As lonjuras do nosso país não foram obstáculo para seu presidente de um clubezinho acreano, que acredita na solidariedade dos seus patrícios. E acredita mais porque está na fronteira, quero dizer, face a face com o estrangeiro, vendo outra bandeira panejando em frente à sua, ouvindo língua diferente, confrontando interesses diversos. É esse sentimento de extremo, de vanguarda, de testa de tropa, que dá, do fronteirista, uma afetuosa confiança nos irmãos "mais para dentro". Não deixam esse homem voltar desconsolado! Não o desamparem! Não o desiludam! Ele é o tipo de herói confiante. Ele acredita no amparo do C.N.D. e, portanto, do Governo. É um homem pobre que trabalha pelo seu ideal desportivo. Atravessou milhares de milhas e veio ao Rio pedir que o ajudem no seu trabalho de construção. Não pede nada para ele. Pede para o seu clube, que vai adestrar aquela mocidade dos confins da pátria! Ele pede para o Brasil! Ele é um desportista, senhores! Correspondam ao seu esforço, porque é por um ideal (VARGAS NETTO, 1947, p. 4).¹⁰

Vargas Netto, um autor criado e vivido na fronteira gaúcha, que escrevera sobre os "heróis farroupilhas" do século XIX, traz o debate acerca dos limites da nacionalidade. Para tanto, apresenta uma visão de valorização de um personagem do esporte, representante de um clube acreano, do extremo norte brasileiro (não por acaso denominado "Fortaleza"), trazendo uma bandeira a ser defendida (recursos financeiros e materiais

¹⁰ Para a melhor compreensão do contexto histórico e linguístico da época retratada, preferimos deixar a mesma grafia, conforme aparece em nossas fontes consultadas.

para a prática do esporte nos "confins da pátria"), na fronteira da brasilidade, "face a face com o estrangeiro". O cronista utiliza uma narrativa peculiar (não apenas desse gênero narrativo, mas dele enquanto autor): o uso de palavras e expressões emotivas que pudessem chamar a atenção dos seus respectivos leitores e pares, e também das autoridades políticas e esportivas para a causa explicitada. Uma questão local, praticamente de um clube específico (por mais que pudesse ter um alcance social mais amplo na localidade), era transformada em uma demanda nacional, de defesa de uma pátria e da educação pelo esporte de toda uma juventude acreana.

Temos, enfim, no exemplo supracitado, um rol de representações típicas criadas pelas crônicas de Vargas Netto: a valorização/invenção do "heroísmo"; a maximização de causas pontuais em questões nacionais (por vezes, ufanistas em seu bojo); a defesa do clube ou da agremiação esportiva enquanto definidores de projetos de esportivização das práticas corporais institucionalizadas e disciplinadores de um ordenamento/organização do esporte e do lazer. Outro ponto importante da narrativa do autor, que se apresenta em outros dos seus textos, é o apreço pela rememoração de um passado histórico, quase sempre apresentado como modelo positivo de comparação, de possibilidade de repetição de um momento por vezes áureo, por vezes ponto de inflexão social.

Estes elementos discursivos de Vargas Netto apresentavamse não apenas por um conjunto lexical muito bem escolhido, mas de uma construção textual com toques e retoques do universo literário e poético, conforme podemos observar na crônica "Heróis Obscuros..." (VARGAS NETTO, 1944, p. 1). Nela, mais uma vez, há uma campanha em prol dos pequenos clubes de futebol dos subúrbios e do interior do país, que são ignorados pelas autoridades e que, por conta disso, não conseguem atuar de forma profícua e educadora na missão de cumprir o seu papel: ser elementos de formação da nação brasileira. No texto, o autor aponta que: [...] Falta, as vezes, até uma bola nova para o seu esplendorzinho domingueiro. As camisas desbotam, rasgam, encolhem, perdem quase as cores simbólicas do seu pavilhão.

Muitos sócios desertam, outros alegam pretextos para não contribuir. Mas, a "velha guarda" permanece, nucleada em torno da velha bandeira... porque essa velha bandeira é toda uma legenda de sacrifícios e de perseverança... Foi uma mocinha habilidosa, obscura e paciente, como seu clubezinho, que perdeu horas no seu bordado caprichoso.

Há sempre um pequeno grupo que não capitula. Reune-se em torno de um baluarte de energia moral, que faz prodígios de equilíbrio dentro de suas impossibilidades. E esse grupo tira de sua força restrita reservas inauditas de resistência para não se deixar vencer. Transforma a resistência em paixão. Confunde sua vida com a do seu grêmio. Sofre e goza em função de sua equipe em luta. Vibra com as suas vitórias... Verte lágrimas de sangue pelas suas derrotas. Exalta-se. Empenha-se nos menores detalhes. Desespera na luta, mas permanece nela. Parece que vai desistir, mas reage sempre, como alguém iluminado por um ideal. O seu ideal é a vida de seu clube.

Nos subúrbios das grandes cidades ainda há o dono do armazém, o torcedor mais ou menos "remediado" que fornece os meios. Por dedicação, ou por vaidade, o "protetor" ajuda e a caravana segue...

No interior a luta é mais árdua porque não há abundancia de financiadores. O nível financeiro é muito baixo e a indiferença geral muito alta.

E o pequeno grupo da resistência não descansa... Reune-se numa salinha (quando ela existe), enfeitada de bandeirolas. Cada um dá o que pode. Convida-se o filho do Coronel que chegou dos estudos. O pai não dá licença porque o filho vai ser doutor. Mal sabe que esse rapaz pedia um lugarzinho num clube da capital. [...] (VARGAS NETTO, 1944, p. 1).

representações sobre o futebol podem Várias do apreendidas texto acima. Como já apontamos anteriormente, a defesa do clube se tornou uma marca da obra de Vargas Netto e do próprio JS nas décadas de 1940 e 1950. Local das vivências individuais e coletivas do futebol, do esporte e do lazer, o clube é visto como uma ilha diante das agruras sociais pelas quais passara a população que vivia nos subúrbios e nas cidades do interior do país. O autor reconhece as dificuldades sociais e financeiras que são levadas para dentro dos clubes, mas ignora outras práticas desportivas que eram realizadas fora destas mesmas agremiações.

Como já apontamos, esse cronista tem como uma de suas características a maximização de elementos tradicionais do futebol, como o apreço e a valorização dos símbolos identitários dos clubes, de sua torcida, da própria paixão, dos afetos e sentimentos trazidos por este esporte. A "velha guarda" ganha *status* e reconhecimento de ser a sustentadora das tradições dos clubes, mesmo com todas as dificuldades apresentadas. Desta forma, temos a fusão entre o princípio da conservação das emoções do futebol e as suas respectivas tradições. Além disso, a narrativa valoriza o ato heroico de personagens (agora, anônimos) que se esforçam para a manutenção de uma paixão individual e coletiva. Nas palavras do autor, este é o tipo de herói que "[...] Transforma a resistência em paixão." (VARGAS NETTO, 1944, p. 1).

Sentimentos e emoções são elementos discursivos muito presentes nos textos deste cronista, que os utiliza em três respectivas camadas: 1) na escolha inicial do tema abordado (o universo do futebol e das demais práticas desportivas, mas essencialmente o futebol); 2) na construção de uma narrativa que maximiza o apelo à paixão e à exaltação de afetividades, convidando os leitores a compartilharem dessas opiniões inter(subjetivas); e 3) no formato do texto, com a seleção de palavras e expressões que constroem o sentido e a intenção dessa mesma narrativa. Não por acaso, "sacrifícios", "perseverança", "força", "resistência", "paixão", "lágrimas de sangue", "luta", "vibra", "desespera" são elementos lexicais que compõem o texto em torno da tese do autor: a resiliência heroica e brava em torno de uma causa esportiva.

Há, inclusive, a crítica de que as elites rurais do interior do país ("os coronéis") poderiam contribuir mais com a sustentação dos clubes e do futebol em suas respectivas localidades, um ensaio para um debate comparativo entre o futebol e o lazer no interior e nas grandes capitais; porém, parece-nos mais uma forma de reforçar seus argumentos em defesa dos clubes do que uma tentativa de aprofundar uma tese sobre questões sociais e políticas do meio rural, mesmo porque o autor era oriundo de uma importante família oligárquica no Rio Grande do Sul, por mais que tenha vivido a maior parte da sua vida em grandes cidades como Porto Alegre e Rio de Janeiro.

Em suas primeiras obras poéticas, o autor apresentava uma imagem paisagística e rural ao tratar de temas regionais, criando uma versão tradicional da literatura modernista do momento (década de 1920) e ignorava os assuntos das cidades, seja nos aspectos sociais, urbanos ou tecnológicos (MARCON; ARENDT, 2014, p. 118). Já como cronista esportivo, principalmente por estar sediado na capital do país, há uma clara tendência de adaptação do discurso anterior para um olhar de diálogo entre o interior e a capital, ora apresentando comparações panorâmicas sobre o futebol nestes dois territórios, ora divergindo de forma pontual sobre os olhares espaciais e sociais em torno da importância deste esporte.

Vargas Netto, na mesma crônica publicada em 1944 e anteriormente mencionada, chega a se aventurar pelos modelos de explicação sociológica da miscigenação racial ao informar que "O 'team' é uma exposição de raças, de côres, de nuanças, de misturas. Vão para campo, jogam e vencem. Então, a alegria apaga todas as dôres, apaga todos os desesperos, compensa, por instantes, todos os esforços e todos os sacrifícios" (VARGAS NETTO, 1944, p. 1). Ressaltese que o debate racial em torno do futebol não era comum nas crônicas esportivas do período, o que nos leva a pensar na reafirmação de uma sociedade que tratava o tema pelo silêncio e pelo esquecimento ou pela ênfase na superação quase que exclusiva pelo esporte (como no caso dos textos de Mário Rodrigues Filho). Aquele cronista cria um modelo de visão sobre o futebol, onde a "mistura" retrata no final das

contas um povo miscigenado no qual os conflitos étnicos não seriam tão graves e, mais do que isso, muito pelo contrário, que mostraria um caminho fértil para a superação de tais problemas, quando e se ocorressem.

Outra chave de interpretação muito frequente na obra de Vargas Netto é o apelo aos elementos e forças da natureza na análise e na apresentação de sua visão sobre o futebol. Mais uma característica que o autor traz de sua trajetória enquanto poeta regionalista, no trânsito entre a conjuntura modernista e a herança romântica do século XIX. Para reforçar o argumento de defesa dos clubes do subúrbio e do interior, comparaos a um indivíduo sob uma ação de uma determinada força natural: "(...) Às vezes, a vida do clube é como a trajetoria de um náufrago na correnteza de um rio. Desaparece aqui, surge lá adiante, submerge, aflora, ora se estabiliza, ora perde o equilíbrio, agora não se o vê, logo se apresenta aos olhos, mas não morreu porque luta. Salva-se, afinal, porque sempre resistiu" (VARGAS NETTO, 1944, p. 1). Temos, portanto, um típico exemplo das escolhas figurativas e estéticas do cronista, ao associar clube e náufrago, as dificuldades múltiplas e a correnteza do rio, assim como a opção narrativa de convidar o leitor para a construção de uma paisagem simbólica, recheada de possibilidades imagéticas e ativas. De acordo com Arendt (2009), que se debruçou sobre a obra poética de Vargas Netto em seu período regionalista e sobre a ênfase na descrição da paisagem rural gaúcha, "Oolhar individual do poeta contaminase com (e contamina) a vivência coletiva, a ponto de tudo o que é natural transmutar-se em cultura, contribuindo para forjar os imaginários de que se alimentam as ações humanas no tempo e no espaço" (ARENDT, 2009, p. 70).11

Considerações possíveis sobre Vargas Netto e o Futebol

¹¹ Importante lembrar que, além das paisagens naturais e simbólicas discorridas pelo autor em suas obras (nas diferentes fases de sua vida), outra importante característica dos seus textos era a apresentação de elementos culturais e históricos utilizados como componentes de uma estrutura narrativa simples e objetiva, mas sem deixar de lado alguns traços do eruditismo autoral.

Procuramos tratar de forma sucinta as principais características das crônicas de Manoel Vargas Netto, publicadas durante o seu período no *JS* (nas décadas de 1940 e 1950). O cronista se tornaria um dos principais autores do rol de profissionais deste jornal, sendo não apenas reconhecido por seus pares e direção da empresa mas também por outros jornalistas e dirigentes de clubes e agremiações esportivas.¹²

Iria compor um grupo longevo de cronistas deste jornal e, mais especificamente, de uma equipe que podemos classificar como erudita ou oriunda do universo literário. 13 Filho e criador de uma poesia regionalista e tradicionalista gaúcha, forjado pelo debate literário em torno dos vários modernismos existentes no país a partir dos anos 1920, Vargas Netto apresentava em suas crônicas esportivas, quase diariamente, uma visão sobre o futebol norteada por um pensamento social comprometido com sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional. Ou seja, em seu caso específico, compreendia o futebol e o esporte como elementos intrínsecos da cultura brasileira e que, portanto, necessitavam de regulação, ordenamento, organização e disciplinarização. Não por acaso, seus textos têm uma tendência autoritária e um tom interventor, ao acusar descasos (do poder público e do dirigismo esportivo, do qual inclusive fez parte por alguns anos) com os clubes - espaços privilegiados das práticas esportivas, corporais e de lazer.

Para tanto, utilizava como elementos estéticos de sua narrativa os usos e abusos das emoções, dos sentimentos e das paixões que o futebol e o esporte traziam para os torcedores; as histórias que enfatizavam o heroísmo, a abnegação e a resiliência dos personagens famosos e anônimos do universo esportivo; e palavras e expressões que garantiam a construção de um texto que mesclava a clareza e a objetividade da 12 Era muito comum, por exemplo, receber elogios e homenagens destas agremiações e associações e de seus leitores. Tais feitos por vezes eram publicizados em suas próprias crônicas ou em outros espaços do jornal.

¹³ No *JS* da década de 1950, percebemos uma fase de consolidação da crônica esportiva. Por lá, conviviam alguns grupos de cronistas que compartilhavam características próximas. Desta forma, Vargas Netto se aproximava, por conta das suas respectivas origens literárias, de autores como José Lins do Rego e Antônio Olinto. Este último atuava como crítico de cinema, mas escrevia crônicas sobre o futebol em determinados momentos como, por exemplo, na cobertura da Copa do Mundo de futebol de 1950 (COUTO, 2016).

mensagem comunicativa com a subjetividade autoral. Vargas Netto produzia textos com ideias bem definidas, por vezes fortes, autoritárias e disciplinadoras (quando defendia as qualidades do povo e da torcida brasileira, ou quando denunciava casualmente a corrupção e a desorganização do esporte brasileiro), com a elegância erudita de seu cabedal poético, inclusive em suas escolhas semânticas.

De todos os autores/cronistas do *JS*, Manoel Vargas Netto foi, sem dúvida, o mais ufanista de todos. Se as Copas do Mundo de futebol, por exemplo, eram momentos propícios para criação de discursos nacionalistas por muitos jornalistas e intelectuais convidados, o cotidiano da cobertura futebolística e esportiva, retratado por este autor, trazia debates relevantes em relação ao comportamento do torcedor brasileiro, à miscigenação racial, ao heroísmo individual e coletivo ampliados pela luz do esporte (e que retratariam as próprias lutas de nosso povo), à confiança eugênica do esporte como ação saudável para o fortalecimento do homem e à valorização da paisagem real e simbólica de nosso país.¹⁴

Enfim, é preciso ampliar os usos das crônicas como fontes dos discursos sobre o esporte, não como uma mera reprodução de uma verdade histórica sobre os fatos narrados, nem tampouco como documentos meramente ficcionais. Como gênero híbrido, é necessário compreender a crônica como obra de um tempo histórico, mas também como um produto criativo e de observação autoral que se conecta em diálogos inter(subjetivos), frutos de interfaces entre a relações autor/leitor, jornalismo/literatura e esporte/sociedade, dentre outras possibilidades. Nesta direção, a obra de Vargas Netto possibilita trilhar vários destes caminhos, compreendendo-os em partes ou pelo todo, mas sem deixar de reconhecer, nesse autor, o esforço de fundir a visão disciplinadora do esporte com a narrativa poética e literária.

¹⁴ Sobre as discussões de Vargas Netto que tratam da relação entre esporte e saúde, tendo os princípios da eugenia como base de sua interpretação, ver as crônicas "O Sol e o Banho..." (publicada em 28/05/1944) e "Controle Médico" (publicada em 04/05/1947). Preferimos, neste texto, não explorá-las para que pudéssemos dar ênfase a outras questões trazidas pelo escritor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, João Claudio. "Na coxilha cheirosa do teu seio": imaginário e paisagem na poesia de Vargas Neto. *Diadorim. Revista Científica do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas*, Rio de Janeiro, v. 5. n. 1, p. 57-72, 2009. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7940. Último acesso em: 20 nov. 2021.

BRITO, Mário da Silva. *Poesia do modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

COUTO, André Alexandre Guimarães. *A hora e a vez dos esportes*: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). 2011. 204 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2011.

COUTO, André Alexandre Guimarães. *Cronistas esportivos em campo*: letras, imprensa e cultura no Jornal dos Sports (1950-1958). 2016. 347 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980. *In*: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MELO, Victor Andrade de (org.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 80-105.

IVETE VARGAS. *Dicionário do CPDOC/FGV*, 2009. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/vargas-ivete. Acesso em: 21 nov. 2021.

MARCON, Daniele; ARENDT, João Claudio. Tradição e Modernidade na Poesia Regionalista de Vargas Neto. *E-Scrita*. Revista do Curso de Letras UNIABEU, Nilópolis, v. 5, n. 1, jan./abr. 2014. Disponível em: https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/1211/pdf_196. Último acesso em: 18 nov. 2021.

VARGAS NETTO. Heróis Obscuros... *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n. 4.530, 24 mai. 1944. p. 1. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

VARGAS NETTO. Desportista do Acre. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n. 5.432, 08 mai. 1947. p. 4. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

VARGASNETTO, Manoel. *Poemas Farrapos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileiras, 1978.

VARGAS NETTO. *Dicionário do CPDOC/FGV*, 2009. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/manuel-do-nascimento-vargas. Último acesso em: 18 nov. 2021.

ROMANCE INDEPENDENTE? ÁGUA-MÃE E O LUGAR DO FUTEBOL NA FICÇÃO DE JOSÉ LINS DO REGO

Bernardo Buarque de Hollanda

Introdução

As interpolações entre literatura e futebol suscitam, na presente coletânea, desde logo, uma ponderação: trata-se de investigar o futebol à luz dos estudos literários, ou por outra, estamos diante da literatura sob a ótica dos estudos esportivos? A definição do campo de abordagem não precisa ser respondida de forma direta e unívoca, de modo que a pergunta ressoa de início provocativa, sem a demanda por uma resposta definitiva neste capítulo em específico, em função da brevidade do texto a seguir.

Há vinte anos, quando iniciei as pesquisas sobre as crônicas esportivas na vida e na obra de José Lins do Rego (1901-1957), tinha em mira realçar um vazio entre os pesquisadores da área de Letras, o mais das vezes preocupados com o valor literário do romancista na história da literatura brasileira e com a identificação das características gerais de seu regionalismo nordestino. Sabia-se que, a exemplo de seus pares, José Lins também fora cronista, mas a informação se afigurava secundária e de menor importância. No tocante à crônica esportiva, o traço anedótico de sua relação com o futebol e de sua condição de inveterado torcedor era, aqui e ali, mencionado por um crítico ou por algum organizador de antologias, sem que o dado fosse levado adiante e considerado mais a sério para o campo da ficção.

Em 1995, o escritor Edilberto Coutinho, ele mesmo ficcionista e contista do futebol, autor do premiado *Maracanã*, *adeus*, desenvolveu um trabalho hercúleo ao organizar *Zélins: Flamengo até morrer*. O volume, com centenas de páginas, não só resume como aporta uma série de circunstâncias amiúde

desconhecidas de cada uma das 1.571 crônicas esportivas escritas pelo autor de *Fogo morto*. Como se sabe, o *Jornal dos Sports* foi o espaço da coluna zeliniana "Esporte e Vida", veiculada entre 1945 e 1957, colaboração extensa, portanto, com mais de uma década de produção cronística na imprensa. Convém assinalar, entretanto, que a vasta pesquisa de Edilberto não teve uma recepção à altura da sua grandeza. A publicação decerto alcançou pesquisadores e o livro por suposto circulou, mas a precariedade de uma edição caseira não logrou difundir a contento tal faceta do renomado escritor da Academia Brasileira de Letras.

Pode-se dizer que apenas quando, em 2002, a Editora José Olympio decidiu publicar a primeira edição de *Flamengo é puro amor*, antologia de 111 crônicas esportivas, tal dimensão chegou de fato ao leitor comum e à opinião pública, com vendagens que levaram a uma segunda fornada editorial, saída em 2013.

Foi nesse bojo que procurei pesquisar em meu mestrado, iniciado em 2001, defendido em 2003 e publicado em livro em 2004 pela Biblioteca Nacional, as conexões modernistas e regionalistas que orientavam a visão do literato acerca do significado do futebol no Brasil. A chave argumentativa da dissertação consistiu na integração entre a escrita do romancista e a do cronista, jungindo-as, a fim de provar que José Lins lidou com o fenômeno futebolístico da mesma maneira que o modernismo e o regionalismo se valeram, na primeira metade do século XX, dos temas da cultura popular e do folclore, em sua missão de conquistar, no plano das artes e da cultura, a autonomia nacional e a autenticidade artística.

Decerto não estive sozinho nesse percurso. No âmbito da pós-graduação, esse componente foi fisgado também pela pesquisadora Fátima Antunes (2004) que, em seu doutorado na USP, enfeixou as crônicas esportivas do escritor paraibano, lado a lado com os escritos de Mário Filho e de Nélson Rodrigues. Publicada em livro, a tese pontua semelhanças e diferenças entre os cronistas e apresenta uma visão de conjunto mais

ampla das interrelações entre futebol e identidade nacional, por meio do discurso cronístico desses nomes luminares da história da imprensa e das letras brasileiras.

Passadas duas décadas de difusão e de acúmulo de estudos sobre a crônica esportiva (CAPRARO *et al*, 2016), considero a presente coletânea uma ocasião oportuna para volver ao romance em José Lins do Rego, uma vez que tal gênero também contemplou a temática futebolística em sua narrativa. Entre 1932 e 1953, de *Menino de engenho* a *Cangaceiros*, o romancista produziu um total de doze obras romanescas, perfazendo uma média de quase um romance a cada dois anos. Sua produção ficcional mais conhecida, altamente associada às memórias e às vivências pessoais de infância e juventude, compreendeu dois ciclos principais, chancelados pela Editora José Olympio, responsável por esquematizar a seguinte denominação: "Canade-açúcar" e "Misticismo, cangaço e seca".

A nomenclatura, por si só, já remonta ao imaginário e à geografia nordestina, seja ela a dos engenhos ou a do universo sertanejo, embora perca de vista aquela das grandes cidades, como a Recife de *O moleque Ricardo*. Aqui também a editora e a fortuna crítica cristalizaram uma imagem concernente ao núcleo principal de sua ficção, em detrimento de outros livros, vistos ora como de menor qualidade, ora como de menor importância, posto que escapam à coordenada geográfica centrada no Nordeste, núcleo original de sua criação. Esse é o caso de *Águamãe* (1941) e de *Eurídice* (1947), acantonados pela crítica na condição de romances "independentes", porquanto fogem da paisagem regional e do *topos* matricial de sua literatura.

Se o conhecimento se renova na medida em que as convenções são questionadas, é hora de colocar de pontacabeça tal hierarquia. Entende-se aqui uma oportunidade para interpelar essa zona de conforto, quando não esse silenciamento em relação a livros menos conhecidos, ofuscados pelo tempo, pelo menor número de reedições e pela carga valorativa da crítica na determinação do que é e do

que não é importante na obra de um autor. No caso em tela, a informação acerca da presença da temática do futebol no romance Água-mãe despertou nosso interesse para sua leitura e exame, já anunciado como a primeira obra ficcional a tratar do universo futebolístico no Brasil.

A limitação de espaço para este capítulo nos impele a saltar por sobre aspectos teóricos e exegéticos na análise das relações entre futebol e literatura, a fim de circunscrever de forma bem precisa e concreta a divisão desse texto, em apenas duas seções. A primeira procura dar a conhecer a estrutura literária, a sinopse do enredo e a recepção daquele que é o nono romance do escritor. Em seguida, focamos em específico no temário do futebol, de modo a mostrar como José Lins introduz na ficção a *persona* e os dilemas do jogador de futebol, ao narrar a trajetória de um aspirante a futebolista do interior do Rio de Janeiro, que chega ao estrelato de um grande clube carioca, e deste à Seleção brasileira, até que uma contusão precipita sua decadência, força o encerramento de sua carreira e relega o ídolo Joca ao ostracismo e ao esquecimento.

Vicissitudes de um romance "independente" e sua narrativa romanesca

Entre 1941, ano de lançamento de Água-mãe, e 2012, quando da décima terceira edição do livro, transcorreram mais de setenta anos. Treze edições parece um número significativo para os padrões do mercado editorial brasileiro, mas se comparado, por exemplo, ao premiado *Menino de engenho*, com mais de 110 reedições até o momento, o número mostra o alcance diminuto que teve Água-mãe na comunidade letrada e no legado da obra de José Lins do Rego ao longo das décadas.

Trata-se, no entanto, de um romance que também teve reconhecimento à época de seu surgimento, com a outorga do Prêmio Felipe D'Oliveira, título literário de prestígio naquele período, ao lado dos concedidos pela Fundação Graça Aranha

e pelo Prêmio Fábio Prado. Não seria o momento de entrar em filigranas e perguntar se a conquista da láurea se deveu à fama então angariada pelo literato ou às qualidades inerentes ao livro; importa, isso sim, assinalar que o romance não passou em brancas nuvens na esteira de sua aparição.

O romance foi marcado também por certo ineditismo, em vista da mudança paisagística, que acompanha o deslocamento do escritor do Nordeste para o Rio de Janeiro, capital da República, cidade em que se radicara em 1935, vindo de Maceió, junto com sua família. Assim como o eixo nordestino se mostrava fluido na literatura reguiana, transitando entre o sertão, a região do massapê e a sua faixa litorânea, a paisagem do Rio aparece na obra do autor de forma igualmente realística e semovente, com idas e vindas narrativas entre o perímetro urbano do populoso Distrito Federal, então com cerca de 1.5 milhão de habitantes, e zonas mais afastadas do interior fluminense, em particular a Região dos Lagos.

Há um dado biográfico que ajuda a explicar a entrada do Estado do Rio de Janeiro no cenário romanesco. Bacharel em Direito, José Lins trabalhava como funcionário público em Niterói, então capital do estado fluminense. Seu ofício era o de fiscal do imposto de consumo. Nessa condição, é deslocado de tempos em tempos a atuar no interior, em cidades como Valença, um dos caminhos históricos das plantações de café do Vale do Paraíba, no século XIX. Em 1939, José Lins recebe nova missão em suas funções burocráticas e vai da capital carioca para a Região dos Lagos, mais precisamente para a cidade de Cabo Frio, onde passa uma temporada.

Tal qual o bairro litorâneo de *Riacho Doce* (1939), seu oitavo romance, ambientado na capital de Alagoas, a estadia obrigatória na região praiana das salinas de Cabo Frio, das lagoas de Araruama e de Arraial do Cabo serve-lhe de inspiração para que, dois anos depois, já de volta à cidade do Rio, escreva e publique *Água-mãe*.

O eixo central da trama gira em torno de mistérios de uma casa mal-assombrada, existente nas franjas da lagoa, na região povoada por uma humilde comunidade de pescadores e barqueiros. Conforme dito acima, o livro apresenta, à primeira vista, algumas novidades temáticas, paisagísticas e sociais em relação às obras anteriores: 1) não se filia a aparentemente nenhum dos seus ciclos de romance — nem o da Cana-de-Açúcar nem o do Cangaço, do Misticismo e da Seca; 2) não se passa no Nordeste, nem explora a paisagem da cor local nordestina; e 3) tenta retratar na ficção famílias pertencentes às três esferas da sociedade, das classes populares às classes médias e destas às classes altas do Rio de Janeiro.

Se há a constatação dessas singularidades, há quem, como o jornalista e crítico Manuel da Costa Pinto (2013), sustente que apenas de forma aparente este livro se distancia dos demais da lavra do escritor. Apreciado em forma e conteúdo, o romance publicado em 1941 pouco difere das oito ficções antecessoras, publicadas por seu turno de maneira ininterrupta durante a década de 1930. Água-mãe é tão caudaloso quanto os anteriores, com mais de trezentas e cinquenta páginas. À maneira dos anteriores e dos posteriores, estrutura-se em duas partes principais, formato bipartite em que a primeira constitui uma espécie de preâmbulo, sendo sucedido pela segunda e principal seção da trama narrativa.

O ponto sugerido por Costa Pinto, e com o qual concordamos, é que a diferença na nova ambiência ficcional e a introdução de novos personagens tampouco modificam aspectos centrais da técnica narrativa e dos motivos elaborados pela imaginação literária do escritor. É, pois, mais continuidade que ruptura, apesar do notável esforço do romancista de mostrar independência de sua região natal, em meio ao afã de superar uma observação recorrente na pena e no crivo dos críticos de então, segundo a qual se tratava de autor monotemático e repetitivo, a fazer documentários, não propriamente ficção.

O poeta Ledo Ivo vai ao encontro do argumento de Pinto, e arremata em conferência sobre *Riacho doce*, ao salientar como o componente "marítimo" se desdobra do telúrico na ficção seguinte: "é um romance praieiro, belíssimo, de um escritor que nasceu num engenho, no agreste paraibano, de modo que é curioso que ele tenha tido esse sentimento do mar, que se repete em *Água-mãe*, romance desenrolado em Cabo Frio" (2001).

Por fim, a pesquisadora Isabella Rechtenthal (2014) expõe, em sua dissertação de mestrado, a demonstração mais cabal e sistemática do argumento da similaridade da atmosfera de decadência e de transformação de *Água-mãe* com os ciclos regionalistas de José Lins do Rego na década de 1930. A fim de corroborar sua hipótese, elege *Fogo morto* para cotejo entre personagens e situações assemelhadas, a despeito das diferenças espaciais entre as paisagens nordestina e fluminense.

Água-mãe tem sua primeira parte intitulada "A Casa Azul" e se subdivide em oito capítulos. Já a segunda parte, bem mais ampla, intitula-se "Os Mafra" e conta com 29 seções. A capa traz desenho de seu conterrâneo paraibano Tomás Santa Rosa, enquanto as ilustrações de Luís Jardim se sucedem nas edições seguintes. De modo semelhante aos livros anteriores, o livro vem com dedicatória a três amigos. São eles Daniel Pereira, nome que não conseguimos identificar quem seja, Antiógenes Chaves, político pernambucano, e Roberto Alvim Corrêa, belga de nascimento, radicado no Rio, onde se torna amigo de José Lins do Rego, além de professor de francês.

O enredo versa sobre a história de três famílias, que representam por sua vez três camadas sociais diferentes: a rica, média e pobre. Independente das classes de origem, a narrativa encompassa seres humanos que desejam fugir das suas condições naturais e procuram se desligar dos seus círculos sociais. A protagonista da primeira parte é a própria Casa Azul, a misteriosa casa-grande. Situada às margens da lagoa de Araruama, é um espaço abandonado, envolto em matagal e rodeado por animais selvagens, cercado de lendas e mistérios.

As personagens de dois núcleos familiares aparecem nessa primeira parte. São elas: a família de Dona Mocinha, mãe de Lúcia, Luís e Laura, filhos criados com o auxílio de uma tutora, que vivem na salina Maravilha; e a de Cabo Candinho, pescador de camarão e pai de Joca, protagonista do futebol no romance, conforme trataremos a seguir. Candinho, que fora do Exército e lutara na Guerra do Contestado, é casado com Sinhá Antônia, vendedora de verduras em Cabo Frio, e filho da "Tia Filipa", uma contadora de histórias, personagem homóloga à nordestina velha Totônia, que figura nos romances anteriores do escritor.

O cotidiano da vida nas casas desses trabalhadores é alterado quando a família Mafra, sob a liderança do patriarca, o Doutor Eugênio Mafra, compra a casa sombria. A despeito das crendices locais em torno do sobrenatural, o industrial adquire a residência e a reforma inteiramente. Residente na capital da República, mais precisamente na Rua São Clemente, em Botafogo, os Mafra utilizam a Casa Azul como refúgio de férias, vivenda de veraneio, com direito a passeio em veleiros, iates e lanchas imponentes. Eugênio é casado com Dona Luísa e pai de três filhos: Luisinha, Marta e Paulo. Este último configura o protótipo do escritor e intelectual, espécie de *alter ego* do próprio José Lins do Rego.

Não cabe aqui nos delongarmos nas peripécias do enredo, que entrecruzará as trajetórias das três famílias. Consideremos tão somente alguns apontamentos assinalados pela recepção ao livro. Segundo um dos eminentes críticos literários da época, Álvaro Lins (1956), o "Destino" é o grande personagem do romance, com todos os protagonistas marcados pela fatalidade. Já o escritor Silva Melo comenta em tom laudatório: "Se tivesse lido este livro, verdadeiro manancial de sabedoria, há mais tempo, muito teria tirado da vida que sinto ter perdido para sempre. Este livro que trata da morte, dá roteiros de vida; é uma mensagem de amor à humanidade" (SILVA MELO, 1956, não paginado).

Junto aos elogios, o romancista recebe críticas formais do próprio Álvaro Lins, que sugere o aumento do número de diálogos, para dar ao personagem uma maior sensação de vida. A sugestão de ordem técnica também compreende variações do movimento da narrativa, pois Lins considera a obra uniforme, com a repetição um tanto monótona dos personagens e das cenas. A seu juízo faltam-lhe paciência, concentração e composição do romance. A propósito, antes de passarmos à próxima seção, convém sublinhar que tudo indica o efeito positivo de tais críticas. No limite, pode-se inferir que José Lins é receptivo à observação de Álvaro Lins, pois o próprio assim reconhece na apresentação do romance seguinte, *Fogo morto* (1943), seu livro mais consagrado, tido como sua obra-prima.

O jogador de futebol e o drama da fama

Talvez uma das maiores surpresas nesse romance tenha sido a inclusão do futebol no corpo da narrativa, fato praticamente inédito na ficção naqueles princípios de anos 1940. Há quem reivindique a condição de primeiro romance a incorporar o tema do futebol na história da literatura brasileira, mas não se pode olvidar que um ano antes, em 1940, o cronista ítalo-paulistano Thomaz Mazzoni publicara *Flô, o melhor goleiro do mundo*. Em que pese a antecedência cronológica deste, temse a favor de José Lins do Rego uma reputação prévia obtida no meio literário, condição jamais postulada e alcançada por Mazzoni. Ademais, a densidade, a qualidade e a consistência ficcional presentes em *Água-mãe* tornam discrepantes e assimétricas uma comparação entre os dois.

Um dado circunstancial deve ser evocado: quando surgiu *Água-mãe*, José Lins do Rego ainda vivia sob o impacto da Copa do Mundo de 1938, que também afetara, como é sabido, seu amigo e sociólogo Gilberto Freyre. O desempenho de Leônidas da Silva naquele torneio tem um significado especial

para José Lins. Ele galvaniza as atenções da população e dos torcedores, o que não passará despercebido ao escritor. Assim, o memorialismo associado ao romancista assinala que o Mundial da França é seu *leitmotiv*, a arrebatá-lo para o futebol e, em seguida, para o Flamengo (HOLLANDA, 2004).

Destarte, entre as várias histórias que se interpenetram em *Água-mãe*, José Lins constrói a personagem do jogador de futebol. Joca, um modesto filho de pescadores, no caso de Candinho, sonha o estrelato em um clube de futebol profissional do Rio de Janeiro, como tantos aspirantes de sua geração. Saído de um pequeno clube amador do interior, o Tamoio, Joca vai jogar no Fluminense e daí em diante ganha projeção na capital do país.

A glória do jogador, contudo, não impede uma crítica implícita contida na ficção. José Lins mostra a notoriedade extraordinária e o caráter inebriante da fama do futebolista, em um momento histórico em que esta modalidade esportiva era recém-profissionalizada. Sem embargo, realça também a fugacidade da trajetória de um jogador, em especial o drama de um atleta oriundo das classes populares nos esportes, algo, diga-se de passagem, tão verossímil à época quanto parte do senso comum ainda hoje, para quem acompanha a realidade do jogador brasileiro em seu dia a dia e vai além do imaginário de sucesso que favorece alguns deles.

O filho de Cabo Candinho é, bem-entendido, um personagem coadjuvante do enredo geral da ficção. Não obstante, são vários os momentos em que Joca ganha relevo e é descrito com mais detalhes durante a trama romanesca. Na primeira parte, ele aparece apenas no capítulo VI, ao passo que, na segunda, são diversos os momentos, em especial nos capítulos IV, VI, IX, XIV, XIX e XXIII. Ou seja, a narrativa volta-se à narração da ambiência do futebol em ao menos sete seções do livro.

Joca, então com 17 anos, é o melhor jogador de futebol de Cabo Frio e atua como ponta de lança do Tamoios, o clube amador da localidade. Seu desempenho chama a atenção dos observadores, até que recebe proposta de um dirigente, o Doutor Lourival, para jogar em um grande e tradicional clube do Rio de Janeiro. O convite deixa de início a mãe, Sinhá Antônia, desesperada, mas ao final Joca muda-se para a capital e vai jogar no Fluminense.

No clube das Laranjeiras, o jovem interiorano faz sucesso rapidamente e se torna cobiçado entre os cartolas e a imprensa. Posa para foto a cores em revistas e é reconhecido como um craque autêntico, egresso de um clube do interior e a grande sensação da temporada, segundo avaliação dos cronistas especializados. José Lins instila na narrativa a descrição de um Flamengo *versus* Fluminense e narra com acuidade literária o gol de Joca na partida. O futebolista se torna, em pouco tempo, famoso na cidade. Seu nome provoca frenesi na torcida tricolor e reverbera nos demais torcedores e na opinião pública.

Entrementes, Joca não esquece de suas origens familiares. Morando no Rio, envia cartas à mãe, de tempos em tempos. A família se mobiliza em prol de Joca. O irmão Julinho ouve as partidas pelo rádio. Este aparelho sonoro de transmissão é o principal meio de comunicação de massas à época e permite que o sucesso do rapaz se espraie logo a toda a família e atinja toda a região natal.

O prestígio de Joca cresce ainda mais e o craque do Fluminense consegue enfim uma vaga na Seleção brasileira, de início na reserva de Zezé. Logo, o filho de Candinho passa a ser aclamado como o maior "center-forward" do Brasil. José Lins do Rego inclui um fato verídico na trama, com remissão à disputa da Taça Rio Branco, em Montevidéu, 1932, vencida pela Seleção contra os temíveis uruguaios. Dois anos depois de lançar Água-mãe, em 1943, José Lins voltará a escrever sobre o torneio e prefacia o livro do amigo e jornalista Mário Filho, "Copa Rio Branco, 32". O prefácio intitula-se "Biografia de uma vitória" e nele se refere em tom de elogio à "democracia social" que impera na composição da equipe nacional.

O vocabulário do futebol em inglês — team, match e scratch — é mantido no romance e a descrição das partidas é relatada amiúde, com vistas a reproduzir em palavras a emoção e a intensidade de uma transmissão radiofônica, como dito, grande meio de comunicação da época, também chamada de Era do Rádio. Descreve-se o entusiasmo dos torcedores pelo futebol e amplifica-se o fervor de jornais, de estações de rádios e de revistas, que reverenciam o nome de Joca, a atingir fama nacional. O jovem, outrora estivador nas salinas cabofrienses, com o penoso cotidiano e a dura sina de carregar sal às costas, encanta-se com a glória e com a popularidade ensejada pelo futebol. Em contrapartida, promete à família comprar-lhes um sobrado e tirá-los da pobreza.

A ascensão contagiante de Joca na carreira continua. Em determinado momento, ele vai disputar uma partida pela Seleção na Argentina. Em Cabo Frio, o jogo é irradiado em praça pública e reúne uma multidão em torno do jogo. Para incrementar, uma banda de música leva festa à praça, com a população a comemorar mais uma vitória de Joca pela Seleção. Em retribuição, na volta, o jogador pega o trem de Maricá e vai à casa dos pais rever a pobre família, reencontrar os amigos de estiva e saudar os moradores locais.

Se o futebol é o emblema da cultura de massas e da paixão popular, personificada na ascensão das classes sociais, por meio da figura emergente de Joca, José Lins contrasta tal imaginário esportivo com o ambiente "burguês" das corridas de cavalo. Estas surgem no enredo pela personagem do imponente Paulo Mafra, representante da alta burguesia carioca, frequentador do Jockey Club e apreciador das competições do turfe, vistas aqui sob as lentes de um requintado, que não perde o Grande Prêmio Brasil. Outra modalidade esportiva mencionada na ficção realista e sempre atenta à verossimilhança é o automobilismo, em particular o circuito de corridas de carros da Gávea, existente na cidade desde 1934.

Todavia, as peripécias futebolísticas do craque Joca não terminam com um final feliz. Após toda a notoriedade e

todas as conquistas, assiste-se a uma inflexão trágica. Uma contusão, decorrente de um lance banal, acomete Joca em uma partida. Ao fim de três meses, após tentativas sucessivas de reabilitação, o "astro" se vê afastado inelutavelmente dos campos. As consequências da lesão são maiores que as esperadas e o jogador é instado, de maneira precoce, a abandonar em definitivo a carreira. O "destino", para retomar a observação de Álvaro Lins, comparece de forma cruel, com a decadência e o rápido esquecimento do ídolo, logo substituído por outro. De volta à dura realidade do torrão natal, o outrora atleta definha, esquecido, "na flor da idade".

Na década de 1950, Glauber Rocha (1939-1981), então um iniciante na crítica cultural, se encantou com a obra de José Lins do Rego. O cineasta baiano leu a obra do romancista paraibano na íntegra, inclusive Água-mãe, e resumiu a parte em que José Lins trata da carreira do jogador. Tratava-se de mais um personagem frustrado, galeria dos demais tipos sociais descritos pelo autor: o senhor de engenho, o bacharel, o literato, o cangaceiro, o contador de histórias.

Eis seu comentário:

Joca, o jogador de futebol, é a manifestação em nosso romance desse ídolo nacional. José Lins, grande entusiasta e entendedor desse esporte, exibe seus conhecimentos com descrições de pelejas na melhor linha da crônica esportiva. Por outro lado, ultrapassando o devaneio, traça rápida, mas profundamente, o roteiro geral do jogador de futebol: sua ascensão, seu auge na seleção nacional, sua queda brusca, sua morte na humildade e no esquecimento de onde veio. Joca morre ali mesmo, sentado na porta de casa, olhando tristemente a lagoa (ROCHA apud GOMES, 1998, p. 578).

A estada de José Lins em Cabo Frio não se prolongaria. Já no início da década de 1940, o escritor estaria de volta de sua temporada interiorana à capital, onde passaria a morar na Rua General Garzon, número 10, no bairro do Jardim Botânico, nas proximidades do Leblon e da Lagoa Rodrigo de Freitas. O futebol continuará a motivá-lo de corpo e alma, como o fizera

desde 1938, acompanhando de perto Leônidas da Silva nos estádios, que atuará no Flamengo até 1942, quando se transfere, em transação milionária, segundo os padrões da época, para o São Paulo Futebol Clube.

O ídolo vai, mas a flama pelo Flamengo perdurará até o fim da vida. Nesse sentido, o futebol não desaparece de sua ficção, ainda que sua presença se dê de forma incidental, em *Eurídice* (1947), também ambientado no Rio, por meio de outro personagem coadjuvante. Desta feita, trata-se de Jayme, que faz as vezes de torcedor rubro-negro, homônimo do então chefe da torcida, Jaime de Carvalho.

Assim, à sombra de *Água-mãe*, a trajetória do verídico Leônidas e do fictício Joca são, pois, duas faces ambíguas da redenção e do fracasso futebolístico, a impactar tanto a vida quanto a obra de José Lins do Rego.

REFERÊNCIAS

ANSELMO, Manuel. Um romance de José Lins do Rego. *In*: ANSELMO, Manuel. *Família literária luso-brasileira*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1943.

ANTUNES, Fátima. *Com o brasileiro não há quem possa!* Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

CAPRARO, André; SANTOS, Natasha; CAVICHIOLLI, Fernando Renato; MEZZADRI, Fernando Marinho. A crônica esportiva de José Lins do Rego: política, paixão e relações de força. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v. 2, n. 30, p. 323-333, 2016.

CORREA, Roberto Alvim. Reflexões à margem de Água-mãe. *In*: CORREA, Roberto Alvim. *Anteu e a crítica*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1948.

COUTINHO, Edilberto. *Zélins*: Flamengo até morrer. Rio de Janeiro: sem editora, 1995.

COUTINHO, Eduardo F. Apresentação. *In*: REGO, José Lins do. *Água-mãe*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2013.

COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Ângela Bezerra de (org.). *José Lins do Rego*: Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

GOMES, João Carlos Teixeira. *Gláuber, esse vulcão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 578.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol*: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

IVO, Ledo. Conferência sobre *Riacho doce*. *In*: *Ciclo da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, 2001.

LINS, Álvaro. Memória e imaginação. *In*: REGO, José Lins do. *Águamãe*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.

MONTENEGRO, Olívio. O novo romance de José Lins do Rego. *In*: COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Ângela Bezerra de (org.). *José Lins do Rego*: Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

PINTO, Manuel da Costa. Apresentação. *In*: REGO, José Lins do. *Água-mãe*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2013.

RECHTENTHAL, Isabella Unterrichter. "Água-mãe" na produção romanesca de José Lins do Rego. 97 p. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2014.

REGO, José Lins do. *Água-mãe*. Prefácio de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.

REGO, José Lins do. *Água-mãe*. 13ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2013.

SILVA MELO, Antônio da. Apresentação. *In*: REGO, José Lins do. *Água-mãe*. Prefácio de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.

RENATO MARAVILHA DADÁ NEGRÃO: POEMA PRECISO DE FUTEBOL

Gustavo Cerqueira Guimarães

No momento em que devemos produzir um conceito sublime ou uma palavra heróica, duvido muito que tal nos ocorra só 24 horas depois, senão 12 meses mais tarde, é que a sentença admirável brota em nós, como flor que se esqueceu de abrir na estação própria.

"Falou e disse", Carlos Drummond de Andrade.

(Um) (lance) (de) (Dadá) (aboleirará) (nosso) (acaso) "Dadaísmo Maravilhoso", Fabiano Calixto.

Poesia e Futebol

No extraordinário capítulo "Jogo e poesia", de Johan Huizinga, presente no clássico livro Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura, a principal ideia desenvolvida é de que a atividade poética tem a ludicidade em sua raiz, porque ela "joga" com as palavras. E isso nada teria de metafórico, "[...] é uma verdade literal e precisa". Afinal, "[...] a ordenação rítmica ou simétrica da linguagem, a acentuação eficaz pela rima ou pela assonância, o disfarce deliberado do sentido, a construção sutil e artificial das frases, tudo isso poderia consistir em outras tantas manifestações do espírito lúdico" (HUIZINGA, 2019, p. 193). Por sua vez, o jogo, como a poesia, "[...] é uma atividade que se processa dentro de certos limites temporais e espaciais, segundo uma determinada ordem e um dado número de regras livremente aceitas, e fora da esfera da necessidade ou da utilidade material" (HUIZINGA, 2019, p. 193).

Renato Negrão, poeta belo-horizontino, sabedor dessa íntima relação do verso com o jogo, explicita de modo exemplar essas aproximações referidas por Huizinga num de seus precisos poemas futebolísticos: "Dadá", publicado em *Vicente viciado* (2012), em homenagem ao ídolo do Atlético

Mineiro. Por sua vez, o homenageado também é destacado aqui como um habilidoso artífice da palavra, além, é claro, de um artista da bola. Assim, de modo a empreender uma leitura não só temática e estrutural, mas também performática do poema (GUIMARÃES, 2020, p. 252-253), esta análise crítica pretende contribuir para a difusão do ensino de poesia em diálogo com o futebol.

Dadá "Negrão" Maravilha

Segundo o biógrafo Lúcio Flávio Machado, Dario José dos Santos, mais tarde "Dadá Maravilha", "Dadá Beija-flor" ou "Peito de Aço", nasceu na periferia do Rio de Janeiro, no dia 4 de março de 1946. Depois de ter presenciado, aos cinco anos, ao lado do irmão, a mãe se matar, passou parte de sua infância e adolescência em abrigos de menores. Em temporadas e passagens pelas ruas, cometia pequenos delitos para sobreviver (MACHADO, 1999). Só tardiamente, por volta dos 20 anos de idade, Dario começou a treinar no Campo Grande, zona oeste da capital fluminense, por "um prato de comida". Em entrevista, o jogador disse ao jornalista João Carlos Albuquerque: "O futebol me salvou porque eu fui bandido. Quando fiz assalto em uma mercearia, eu saí correndo em zigue-zague e o outro cara, meu parceiro de roubo, correu reto, [...] morreu. Eu já estava jurado de morte. [...] Eu larguei a bandidagem e comecei a jogar" (ESPN, 2017). Em 1968, aos 22 anos, Dario já assinava um contrato profissional com o Atlético Mineiro, onde se destacou ao longo de sua carreira como o segundo maior goleador da história do clube, marcando 211 gols em 290 partidas (GALO DIGITAL).

Dario foi campeão da Copa do Mundo pela seleção canarinho, na suplência, em 1970, e campeão brasileiro pelo Atlético e Internacional de Porto Alegre, em 1971 e 1976, respectivamente. Em 20 anos de carreira, atuou em outros 14 clubes brasileiros, somando feitos estratosféricos que

lhe garantem relevância no cenário esportivo mundial. Foi goleador do Campeonato Brasileiro por três vezes, em 1971, 1972 e 1976 — somente outros três centroavantes conquistaram essa façanha: Romário, Túlio e Fred. Foi "[...] artilheiro do Campeonato Mineiro por quatro vezes, em 1969, 1970, 1972 e 1974; [recordista com 37 gols em uma única temporada no Mineirão]; marcou 926 gols na carreira, o segundo maior artilheiro do mundo; marcou 499 gols de cabeça, recorde no futebol; [e] marcou 10 gols em uma única partida, recorde mundial", pelo menos até o lançamento de sua biografia (MACHADO, 1999, p. 207). Vale destacar que o recorde de cabeceios certeiros para as redes, sua principal arma, será dificílimo de ser superado. Afinal, somente Dadá possuía a habilidade de pairar no ar como um beija-flor.

Acrescento ainda outras proezas do atacante, como ele próprio disse, com sagacidade e bom humor, numa entrevista a Fernando Vanucci, ao pendurar as chuteiras aos 40 anos de idade: "[também tenho] recorde de idolatria, de paradas no ar...". Sorrindo, o repórter pergunta: "O que é recorde mundial de idolatria, Dadá?". "Idolatria porque eu na realidade sou o maior ídolo do futebol brasileiro" (GLOBO ESPORTE, 1986).

O ex-jogador Toninho Cerezo, outro grande ícone atleticano, afirmou em entrevista que o Rei Dadá "[...] como jogador foi um dos melhores que viu dentro da área, colocava-se como ninguém e tinha uma vontade enorme de jogar". Magro, alto, 1,85m, e um jeito distinto de se portar em campo, ele desestabilizava a "linguagem do futebol". E, fora de campo, Dadá foi um dos jogadores mais performáticos e cativantes do futebol brasileiro, traços estes decisivos em sua carreira, pois estrategicamente ele procurava os microfones com o intuito de lançar seus criativos bordões, estimulando a torcida a acreditar sempre na graça do gol — "Com Dadá em campo, não há placar em branco". Cerezo afirma ainda que Dadá sempre foi e "[...] é a alegria em pessoa. A coisa mais linda que posso dizer sobre ele, é a alegria" (MACHADO,

1999, p. 213). Em 1987, no programa *Roda Viva* da TV Cultura, o recém aposentado jogador confirma as impressões que Cerezo tinha dele, dizendo ainda que o "otimismo" é mote de sua existência: "[...] eu só acho coisas boas na minha vida, não que eu as tenha, mas eu sempre procuro, [...] me proponho a fazer da minha cabeça um eterno *circo*, mostrando sempre alegria" (RODA VIVA, 1987). Importante destacar o vocábulo circense evocado, pois isso denota a estreita relação do futebol com as artes cênicas e performativas, sobretudo aquelas que se nutrem da interação com o público.

Nesse programa, o jornalista da casa Marcos Ferman presta uma bela homenagem a Dario: "Você tem um dos melhores textos deste país, você tem um texto brilhante, você poderia escrever grandes peças de teatro, magníficos textos de jornal, de rádio, de televisão, [...] você é um gigante brasileiro com corpo de gladiador e cabeça de poeta". Dadá foi motivo do belíssimo poema visual de Mário Alex Rosa, em que reverberam possibilidades plásticas e semânticas do nome e da figura do jogador - "Dadá é uma dádiva da vida [...]" (ROSA, 2021, p. 184). Algumas de suas sentenças nacionalmente emblemáticas também foram versificadas Fabiano Calixto, "Dadaísmo pernambucano em Maravilhoso": "Não existe gol feio, feio é não fazer gol" ou "Futebol não pode ficar acima da educação, não" (CALIXTO, 2014, p. 35-37).

Dadá foi um dos primeiros atletas a explorar a imprensa a seu favor; seu senso de humor o habilitava a criar frases rápidas e inteligentes que entortavam a lógica comum do espectador. Foi o inventor da prática de batizar os próprios tentos, como o gol "Shirley", quando sua filha nasceu, ou o gol "Independência", num 7 de Setembro. Anos mais tarde, essa desenvoltura de se comunicar o levou a se tornar um importante comentarista esportivo, atuando nos principais canais televisivos de Belo Horizonte, onde se radicou há décadas. Hoje, um incontestável mineiro.

O poeta Renato Negrão nos conta, em entrevista, ter assistido ao vivo pela TV Alterosa uma daquelas tiradas incríveis de Dario. À altura, o assunto da bancada era sobre boatos acerca de um jogador de futebol famoso ter sido flagrado saindo com travesti. "E aí, Dadá, na sua época tinha isso?", perguntou o comentarista. E Dadá a provocar gargalhadas emendou: "[...] Na minha época ficar com travesti era uma honra" (CCBM, 2020, 38 min.).

À altura do recente fenômeno midiático no país, até Carlos Drummond de Andrade, atento à cultura popular, replicou, em agosto de 1971, no *Jornal do Brasil*, uma frase do jogador atleticano: "Não me venha com problemáticas, pois tenho solucionáticas". Além de escrever a sentença lapidar, o poeta a explica, ajudando a disseminar ainda mais a fama do criativo jogador.

[...] os problemas estão nos afogando com sua maré montante; problemas verdadeiros, falsos problemas, problemas imaginários. Como se não bastassem os primeiros, esforçamo-nos por inventar os demais, complicando a complicação no limite de nossas capacidades complicatórias. As próprias soluções que formulamos são outros tantos problemas. [...] E na incerteza, na ambiguidade, na oscilação entre afirmar, negar e complicar navegamos em onda de problemas ainda mais problematizados pelo uso de linguagem em código, privativa de problematizadores brevetados. Dario, sem querer, mas certeiro, reagiu contra isso, respondendo à altura. Atacam de problemática? Retruca de solucionática. E, com isso, ensina à gente uma atitude positiva, de bom senso e realismo [...] (ANDRADE, 2002, p. 120-121).

Em resumo, na crônica "Falou e disse", republicada em *Quando é dia de futebol*, mais este registro do universo oral do jogador se edifica. Ao criar a palavra "solucionática" (substantivo não dicionarizado; solução seria o usual), Drummond garante que Dario "disse mais do que disse" ao falar apenas sobre futebol, isto é, a falar somente sobre o que se sabe. "E porque não o disse com o propósito de generalizar, de emitir um alto pensamento, [...] sua frase me parece digna

de ser inscrita entre as manifestações autênticas de sabedoria" (ANDRADE, 2002, p. 120).

Renato "Maravilha" Negrão

Sem dúvida, *Vicente viciado*, de Renato Negrão, figura entre as mais estimulantes obras do cenário da poesia independente de Belo Horizonte nos últimos vinte anos. No artigo "Yesterday eu comi o Morressey ou mais legal que um livro de poesia", publicado no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Reuben Rocha assegura que o livro é "[...] cheio de surpresa, mestre em técnicas de estranhamento, mas nunca age pelo choque", porque é acima de tudo "[...] um livro de poemas capaz de produzir vínculo, vontade de envolvimento, de dar fácil acesso à alegria exuberante da descoberta" (ROCHA, 2014, p. 25).

O título criativo da obra, a pintura solar (e soturna) estampada na capa, magistralmente criada pela artista plástica Leonora Weissmann, em diálogo com o designer gráfico Júlio Abreu, e a informação na contracapa sobre a curiosa seção "De carona", que viceja "4 letras papo reto" do *rapper* Das Quebradas, favorecem muito o interesse pela leitura de *Vicente viciado*.

O generoso gesto de promover publicações em parceria reencena uma prática comum entre os poetas marginais dos anos 1970, período muito inventivo da literatura brasileira reiteradamente reatualizado por Renato Negrão a cada obra. Vale destacar que ícones dessa geração comparecem constantemente em seu horizonte, a exemplo de Paulo Leminski, epigrafado em *Vicente viciado*, e o compositor Jorge Mautner que assina a quarta capa de *Os dois primeiros e um vago lote* — "O trabalho poético de Renato Negrão é de uma impressionante atualidade, ressaltando-se a presença do humor, do profundo lirismo e de uma visão do instante, onde se reflete uma eterna e moderna Minas Gerais do Brasil universal" (MAUTNER, 2004). Importante apontar para o

fato de que o livro-objeto *No calo* (1996), de Renato Negrão, guarda semelhanças inegáveis com *Supercílio* (1995), de Marcelo Dolabela, artista central da poesia marginal belohorizontina. Inclusive, em depoimento, Negrão declara que esteve no lançamento de Dolabela (CCBM, 2020), no ano anterior à sua primeira publicação.

Antenado aos movimentos da arte independente e da arte de rua, Negrão correntemente incorpora ao seu trabalho a visualidade, a performance, a oralidade e o humor. Em *Vicente viciado*, esses elementos surgem de bate-pronto, em forma de diálogo, com muita potência, na abertura do livro. "Dadá" foi criado "[...] a partir de uma entrevista do Dadá Maravilha concedida ao jornal *O Pasquim*, em outubro de 1972" (NEGRÃO, 2012, p. 59). É um dos poemas mais conhecidos e republicados de Renato Negrão, "[...] um artista com ciência de seus meios [e] plena posse de suas faculdades expressivas" (ROCHA, 2014, p. 25). Eis o poema:

- futebol é o seguinte chegou ali e tem tranquilidade é só aplicar o sutil o mirabolante a raiz quadrada o labirinto que não tem jeito pro goleiro não é cair e levantar para buscar o caroço lá dentro
- que negócio é esse de sutil mirabolante e raiz quadrada
- não posso dizer
 é segredo profissional
 outro dia criei mais um gol
 o independência.
- poesia é o seguinte chegou ali e tem tranquilidade é só aplicar o sutil o mirabolante a raiz quadrada o labirinto que não tem jeito pro *leitor* não é cair e levantar para buscar o caroço lá dentro
- que negócio é esse de sutil mirabolante e raiz quadrada

- não posso dizer
é segredo profissional
outro dia criei mais um poema
o independência.
(NEGRÃO, 2012, p. 9).

De imediato, percebe-se pelo sinal de travessão que o poema se apresenta em forma de diálogo — uma entrevista. Ao final da primeira leitura, o que nos chama bastante a atenção é o fato de as três últimas estrofes espelharem as três primeiras, modificando completamente o sentido com a troca de apenas três vocábulos: futebol/poesia, goleiro/leitor e gol/poema.

Na primeira estrofe, a voz é de um *futebolista/Dario* a explicar o que é o *futebol*, apresentando suas estratégias incomuns para surpreender o *goleiro* e marcar o *gol*. Na segunda estrofe, a voz interlocutora solicita um aprofundamento mais claro da resposta anterior, porque não compreendeu muito bem o que viria a ser "sutil mirabolante e raiz quadrada". Na última estrofe, o jogador encerra o assunto ao dizer que na verdade o seu jogo não pode ser revelado. De passagem, vale a pena indicar a belíssima gravação da leitura de "Dadá" pelo próprio jogador em parceria com o poeta (POEMA SONORO, 2013).

De modo análogo, na quarta estrofe, *o poeta/Negrão* explica o que é a *poesia* e suas artimanhas para surpreender o *leitor*, afinal lida com seu imaginário. Na quinta estrofe, eco da segunda, o interlocutor solicita uma explicação mais assertiva. E, nos versos finais, o poeta igualmente nos revela que sua *poesia* se trata curiosamente de um segredo.

Ou seja, Negrão, como nos ensinamentos de Johan Huizinga, nos faz pensar que a linguagem da poesia e do futebol tem o mesmo princípio: a ludicidade, imbuída de mistérios e regras; afinal, há certos procedimentos no mundo labiríntico e mirabolante do gol e do poema. Renato Negrão sugere que suas estratégias poéticas são semelhantes às de Dario, por isso o poeta elege a voz do jogador e a destaca na abertura de seu independente livro de poesia. "Seu hábil cálculo, macio e exato como o pulo do gato, aplica 'o sutil o

mirabolante/ a raiz quadrada o labirinto', princípio de ação que *Vicente Viciado* vai buscar noutra arte, o gol de Dadá Maravilha" (ROCHA, 2014, p. 25).

Os últimos versos da terceira e da sexta estrofes — "o independência" — nomeiam coisas distintas: o ofício dos enunciadores, fazer gols e fazer poemas. O gol que aparece em "Dadá" é o nome dado ao gol que o jogador marcou no Dia da Independência do Brasil, num clássico entre Atlético e Cruzeiro. E não foi um gol qualquer, foi um gol especial. No programa Roda Viva, Dario foi perguntado se ele teria um gol que fosse o seu poema, a obra prima de sua vida. E ele respondeu: "Eu tenho um gol que marcou principalmente pela data, foi 7 de Setembro de 1972, Atlético e Cruzeiro, casa cheia, o gol 'Independência'" (RODA VIVA, 1987).

O espelhamento proposto no poema sugere também a independência e a singularidade desses dois agentes no meio do futebol e do circuito poético: Dario e Renato. O jogador se singularizou por lutar com muita criatividade para impor seu disruptivo e estranho futebol em campo, e o poeta se destaca com muita raça (e amor) na cena independente belohorizontina. Afinal, fazer boa poesia é para poucos. Vale dizer que o poeta também é atleticano.

"Dadá" ganha ainda mais brilho e ritmo na versão gravada pelo poeta com sonorização de Fabiano Fonseca. Na performance "Programa", ao lado do VJ Ulisses Moisés e do pianista Victor Munhoz, esse poema é repetidamente entoado entre o oitavo e o décimo minuto. É interessante observar o posicionamento dos braços do poeta nessa encenação (Figura 1). Sob a marcação de um pandeiro, com as mãos e os braços o poeta introduz o gingado que denota calma para praticar o futebol ali dentro da área. E, em zigue-zague, nos oferece visual e ritmicamente os dribles e tabelas do futebol ao dizer os versos "é só aplicar o sutil o mirabolante / a raiz quadrada o labirinto / que não tem jeito pro goleiro não".



FIGURA 1 "Programa: uma performance poética de Renato Negrão", 2012. Fotografia de Carou Araújo.

Em conclusão, "Dadá", este preciso poema de futebol, nos mostra o potente diálogo que Renato Negrão promove em torno da performance, da oralidade e do jogo. Ao dispor esse poema na página de abertura de *Vicente viciado*, enaltecendo a entrevista de Dadá Maravilha, uma das figuras mais emblemáticas do mundo esportivo (jogador, frasista e comentarista), Negrão posiciona notoriamente a poesia e o futebol no mesmo plano. "Mas fazer bem é o mínimo, a perfeição é o básico, quem dança sabe que jeito, graça e charme não vêm com disciplina nem desleixo" (ROCHA, 2014, p. 25). Segundo Chico de Paula, não é possível ver Negrão "[...] sem pensar nessa multiplicidade de formas e abordagens que ele é capaz de agrupar para compor o seu trabalho" (PAULA, 2012, p. 63).

Sabedores de que nossa existência é bem mais divertida com gols e poemas, Renato e Dario nos conectam com aquilo que há de primitivo em nós: a potência da criação. Praticar o futebol e a poesia com alegria, sagacidade e comprometimento, a exemplo desses "independentes" artífices do jogo da palavra, nos estimula a ter mais forças para driblar as adversidades da

vida. Afinal, retomando Huizinga, que nos auxiliou de início a refletir sobre as relações entre essas instâncias, "Toda poesia nasce do jogo: o jogo sagrado do culto, o jogo festivo da corte amorosa, o jogo marcial da competição, o jogo combativo da emulação da troca e da invectiva, o jogo ágil de espírito e da prontidão" (HUIZINGA, 2019, p. 189).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. "Falou e disse" [Jornal do Brasil, 1971]. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. Quando é dia de futebol. Pesquisa e seleção de textos de Luis Maurício Graña Drummond e Pedro Augusto Graña Drummond. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 119-121.

CALIXTO, Fabiano. Dadaísmo Maravilhoso. *In*: ROSA, Mário Alex; BELFORT, Welbert (org.). *Pelada poética*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014. p. 35-37.

GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. Poéticas do futebol: formas do jogo no papel. *In*: GIGLIO, Sérgio S.; PRONI, Marcelo W. (org.). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 452-465.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2019. (Edição do Kindle).

MACHADO, Lúcio Flávio. *Dadá Maravilha*. [Biografia]. Belo Horizonte: Del Rey, 1999.

MAUTNER, Jorge. Apresentação. *In*: NEGRÃO, Renato. *Os dois primeiros e um vago lote*, 2012 [contracapa].

MATTOSO, Glauco. Tratado de versificação. São Paulo: Annablume, 2010.

NEGRÃO, Renato. Vicente viciado. Belo Horizonte: Rótula, 2012.

NEGRÃO, Renato. Futebol para todos. *In*: ROSA, Mário Alex; BELFORT, Welbert (org.). *Pelada poética*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014. p. 55-56.

PAULA, Chico de. Posfácio. *In*: NEGRÃO, Renato. *Vicente viciado*. Belo Horizonte: Rótula, 2012. p. 63-65.

PASOLINI, Pier Paolo. O gol fatal. Trad. Maurício Santana Dias. *Folha de São Paulo*. Caderno Mais!, 06 mar. 2005 [1971], p. 4-5.

ROCHA, Reuben da Cunha. Yesterday eu comi o Morressey ou mais legal que um livro de poesia [sobre *Vicente viciado*, de Renato Negrão]. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, n. 1353, p. 25-27, 2014.

ROSA, Mário Alex. Um Tostão e um Dadá [poesia]. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 5, n. 3, p. 183-184, 2021.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ATO GRÃO – Um passeio pela obra de Renato Negrão. Casa das Rosas, São Paulo, 2020, 25 min. Edição: Arthur Moura Campos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RpdJtpd_p9I. Último acesso em: 15 nov. 2021.

CCBM. A palavra do artista: *Vicente viciado* com Renato Negrão [entrevista]. Centro Cultural Brasil-Moçambique, Maputo, 2020, 60 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aoo12hREU8U&t=300s. Último acesso em: 16 dez. 2021.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. DADAÍSMO [verbete]. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: http://bit.ly/2DL1oAD. Último acesso em: 15 nov. 2021.

ESPN. Dadá diz que futebol o salvou da bandidagem. Entrevista a João Carlos Albuquerque, Celso Unzelte e Claudio Arreguy, 09 maio 2017. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/693177_dada-diz-que-futebol-o-salvou-da-bandidagem-e-lembra-quando-viu-mae-se-matando-eu-tinha-cinco-anos. Último acesso em: 15 nov. 2021.

GALO DIGITAL. Dario José dos Santos. Disponível em: http://www.galodigital.com.br/enciclopedia/Dario_Jos%C3%A9_dos_Santos. Ultimo acesso em: 15 nov. 2021.

GLOBO ESPORTE. Em 1986, Dadá Maravilha encerra sua carreira. Entrevista a Fernando Vanucci. Disponível em: http://bit.ly/2GsRlE7. Último acesso em: 15 nov. 2021.

NEGRÃO, Renato. Dois precisos poemas de futebol. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 229-232, 2021.

POEMA SONORO: "Dadá", por Dadá Maravilha e Renato Negrão, 2013. Sonorização de Daniel Carneiro. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8azieS0VzoE. Último acesso em: 15 dez. 2021.

PROGRAMA: uma performance poética de Renato Negrão, 2012, 37 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iMuL8ycFzXc. Último acesso em: 15 nov. 2021.

RENATO NEGRÃO. Site: https://www.renatonegrao.com. Último acesso em: 15 nov. 2021.

RODA VIVA. Dadá Maravilha. Entrevista. TV Cultura, São Paulo, 1987, 81 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SLBTxdszQs0. Último acesso em: 15 nov. 2021.

TOCA DADÁ, de Renato Negrão, SoundCloud da revista *FuLiA/UFMG*. Disponível em: https://soundcloud.com/user-530005952/dada-renato-negrao-1.

O TEATRO TRÁGICO DO FUTEBOL NA OBRA DE SÉRGIO SANT'ANNA

Leda Maria da Costa

Introdução

O futebol também é jogado com palavras. A possibilidade de converter os jogos de futebol em narrativas, orais ou escritas, foi um dos fatores importantes para a popularização desse esporte no Brasil e no mundo. São essas histórias que tornam possíveis que muitas partidas sejam compartilhadas por diferentes gerações, tornando-se parte de memórias coletivas e individuais. Seguindo a proposta de José Miguel Wisnik, poderíamos, do mesmo modo, identificar o futebol como uma forma de linguagem, o que aponta para a possibilidade de se pensar esse esporte como um evento "que comporta muitos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo" (WISNIK, 2008, p. 14). Dada a sua natureza narrativa, segundo o autor, é que o futebol se torna aberto a várias representações e interpretações. Por isso, temos a impressão de haver partidas que ainda não terminaram, como por exemplo, Brasil x Uruguai de 1950, Brasil x Itália de 1982 e tantas outras cujos acontecimentos de dentro das quatros linhas ainda são alvo de frequentes leituras que torcem, distorcem mas, antes de tudo, mantêm o jogo sendo jogado para além dos 90 minutos do tempo regulamentar.

O futebol também é jogado com palavras. No Brasil, um importante exemplo desse fenômeno se fez presente no "Fla x Flu literário" (ROSSO, 2010), em torno dos sentidos desse esporte, protagonizado pelos literatos Coelho Neto e Lima Barreto nos anos iniciais do século XX. O primeiro se mostrava um entusiasta das práticas esportivas, principalmente porque, assim como outros intelectuais da época, enxergava nelas um veículo de "construção de uma nação sadia e forte" (PEREIRA,

2000, p. 216). O escritor foi um dos mais ardorosos defensores do futebol, a ponto de se transformar em um nome conhecido dos esportistas, sendo o orador oficial de importantes torneios, dentre os quais o Campeonato Sul-americano de futebol em 1919 (FERNANDEZ, 2010). Já Lima Barreto encontrava-se do lado oposto, nutrindo fortes objeções, e chegou a fundar uma "liga contra o football" para demonstrar que o fascínio provocado por esse esporte não se justificava por tratar-se de um modismo passageiro que, com ares de fidalguia, promovia a exclusão racial (PEREIRA, 2000).

Entretanto, independentemente das polêmicas provocadas, a produção literária no Brasil fez do futebol temática de crônicas, contos, romances, peças de teatro e poemas. Ana Amélia de Mendonça, João do Rio, José Lins do Rego, Antonio de Alcântara Machado, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Raquel de Queiróz, Edilberto Coutinho são alguns exemplos que integram uma listagem extensa de autores e autoras cuja escrita foi mobilizada pela prática esportiva mais popular do país. Este artigo objetiva seguir uma breve trilha da relação entre literatura e futebol e, para cumprir esse trajeto, se deterá em algumas produções de Sérgio Sant' Anna, um dos mais importantes nomes da literatura brasileira.

O legado artístico deixado por Sant'Anna nos conduz pelos caminhos tortuosos de uma existência que se faz sob o "signo da sobrevivência" (SANTOS, 2017) ao trazer à cena personagens que, em algum momento de sua jornada, se deparam com a força do imponderável regendo suas vidas. Finitude, sofrimento, solidão, enfim, circunstâncias-limite que levam os sujeitos à necessidade do cultivo de um contínuo exercício de sobrevivência, o que implica o enfrentamento de situações adversas que, frequentemente, estão além do seu controle. Em algumas das produções de Sérgio Sant'Anna, o futebol é elemento articulador dessas temáticas tão caras ao seu universo literário. Como Luís Eduardo Soares (1979) e Roland Barthes (2004) já demonstraram, é possível encontrarmos

pontos de contato entre o futebol e o teatro. Essa relação se evidencia na escrita de Sérgio Sant'Anna, pois nela o futebol se apresenta como um palco privilegiado de encenação do embate entre o indivíduo e o constante risco que é viver.

Nesse teatro, os derrotados ocupam o protagonismo.

Na marca do pênalti: a cena trágica

A pequena área do campo de futebol, onde fica a marca do pênalti, é um palco das situações trágicas protagonizadas por alguns personagens de Sérgio Sant'Anna. Esse é o caso de "No último minuto", conto narrado por um goleiro que ao agarrar a bola, após um cruzamento, vê a redonda escapar de suas mãos, indo parar dentro da sua própria meta. Uma meta que ele defendera tantas vezes, de modo arrojado e incansável mas que, por um lapso de descuido seu, era invadida. Infelizmente, tratava-se de uma falha grotesca acontecida quando faltavam poucos minutos para terminar a partida e a torcida já gritava "é campeão!" (SANT'ANNA, 2005). Até aquele momento, sua atuação ao longo do jogo vinha garantindo o resultado que daria o título do campeonato ao seu clube. Porém, em questão de segundos, ele atravessara a ponte que separa o herói do vilão no futebol e de pouco valeriam suas ótimas atuações anteriores, assim como as difíceis defesas praticadas naquele mesmo jogo; afinal como já desabafou Jair da Rosa Pinto, "futebol é ingrato" (MORAES NETO, 2000, p. 135). Para o narrador do conto "No último minuto", a face ingrata do futebol lhe era revelada de modo bastante cruel: "se aquela última bola não entrasse, eles diriam que eu era o melhor goleiro do Brasil, mas a bola entrou e eles dirão que sou um frangueiro" (SANT'ANNA, 2005, p. 145).

Essa face se revela sempre aos perdedores, pois o problema não estava tanto no lance em si: afinal, se a bola tivesse entrado e seu time, mesmo assim, conseguisse o título, aquele erro ficaria em segundo plano. Entretanto, a derrota é fato importante para que as atenções se voltassem para o lance do gol que ele fizera contra. "No último minuto" é construído a partir da constante descrição desse lance feita pelo goleiro, a partir de sua memória e das reproduções do gol mostradas — e por ele assistidas — por ângulos diversos em diferentes emissoras de TV, veículo pelo qual seu fracasso era publicamente exposto e transformado em espetáculo. É provável que muitos se fixariam em sua falha e, provavelmente, achariam que ele nada havia feito para impedi-la, porém em sua cabeça se repetia a frase "eles nunca saberão que eu tentei" (SANT'ANNA, 2005, p. 147). Nós leitores sabemos e podemos ter um pouco da dimensão da angústia sentida por um goleiro que, nos últimos minutos de um jogo, comete uma falha fatal:

Eu estou agarrando o ar. A bola escapando e penetrando bem de mansinho no gol. A bola não chega nem a alcançar a rede; ela fica paradinha ali, depois da linha fatal. E eu pulo desesperadamente nela, puxando a bola lá de dentro. Mas é tarde demais, todo mundo já viu que foi gol. O estádio explode e é como se minha cabeça estourasse. Eu vejo e ouço aquilo tudo: o time deles se abraçando, a zoeira da multidão, os foguetes e o nosso time que parte para cima do juiz, numa tentativa inútil de anular o gol. Eu ouço e vejo aquilo, mas é como se tudo estivesse muito longe de mim, sem nenhuma relação com isso (SANT'ANNA, 2005, p. 73).

O conto em questão é "uma narrativa sobre a dor" (BRANDÃO, 2019), sentimento que é aguçado mas que também encontra apaziguamento no próprio ato de narrar em moto-contínuo o acontecimento. Essa repetição é uma alegoria da impossibilidade de se modificar o destino, sensação que invade o narrador toda vez que ele observa seu lance na tela: "E me volta aquela loucura, a sensação de poder modificar um destino já cumprido, fazer tudo diferente, ir naquela bola de outro jeito, espalmá-la para corner, mesmo sem necessidade" (SANT'ANNA, 2005, p. 145).

A história do goleiro protagonista de "No último minuto" nos faz lembrar de Valdir Appel. Da ficção, passamos, então,

para um jogo ocorrido no Maracanã no dia 16 de março de 1969. Nele, Valdir Appel, então goleiro do Vasco da Gama, assim como o narrador do conto de Sérgio Sant'Anna, se envolve em um lance bastante inusitado que foi descrito da seguinte maneira em sua biografia: "O braço fez a alavanca e a bola saiu forte de minhas mãos. Perdi o equilíbrio: as pontas dos meus dedos tocaram de leve a bola, que mudou sua trajetória, indo chocar-se com força no meio do poste esquerdo do meu arco, morrendo no fundo das redes" (APPEL, 2006, p. 19).

À noite, ao participar de um programa esportivo, Valdir assistiu, por várias vezes, o replay da jogada e, também, por várias vezes, foi perguntado como havia sido possível levar um gol daquela forma. Sua falha também era repetidamente mostrada aos olhos de uma multidão de telespectadores e no dia seguinte se transformou na principal manchete dos jornais. Aliás, em ambos os casos, o do goleiro da ficção e o da vida real, é notável o papel dos meios de comunicação como veículos que, muitas vezes, se nutrem da dor dos outros (SONTAG, 2003), fazendo dela um espetáculo a ser assistido como se fosse um programa televisivo. É o que frequentemente assistimos no jornalismo esportivo com suas estratégias visando entretenimento, mas às custas da exposição alheia.

A busca por consolo fez Valdir Appel se lembrar de uma frase que guardava consigo: "o importante no frango é sobreviver a ele" (APPEL, 2006, p. 21). Tratava-se de um conselho que lhe fora dado por Barbosa, o ex-goleiro da seleção brasileira, cuja imagem há tempos havia sido anexada a um único instante do dia 16 de julho de 1950, dia em que a seleção brasileira saíra do Maracanã derrotada pelo Uruguai, aquele que ficou conhecido como *Maracanazo* e cuja responsabilidade já na época fora atribuída a Barbosa por parte da imprensa (COSTA, 2020). Barbosa, Valdir Appel e o narrador de "No último minuto" experimentaram no futebol o aprendizado de que "a vida se decide às vezes num centímetro de espaço ou numa fração de segundos" (SANTANNA, 2005, p. 145).

É na marca do pênalti que essa percepção se evidencia na escrita de Sérgio Sant'Anna. A novela "Páginas sem glória" é exemplar nesse aspecto. Nela nos é contada a história de José Augusto do Prado Almeida Fonseca, ou simplesmente Conde, que, das praias de Copacabana, foi levado para atuar no Fluminense Football Club, cumprindo uma meteórica carreira de jogador profissional cujo término se deu cercado de polêmica em um clube do subúrbio carioca. A novela tem como narrador um rapaz apaixonado por futebol cujas histórias que conta lhe foram compartilhadas por seu tio, o olheiro do Fluminense a quem coube a tarefa de atestar, em um único e despretensioso jogo, a fama de craque que Conde carregava consigo — fama alimentada nas peladas das areias da praia de Copacabana, "onde não há súmulas, registros escritos, regras precisas" (SANT'ANNA, 2012, p. 75), onde Conde era conhecido como um sujeito bom de bola, disputado por todos os times da região. Tudo isso foi suficiente para que olheiro se convencesse da necessidade de o Fluminense fazer alguns testes com Conde.

E se um instante ocasional pode marcar a queda, também pode conduzir à ascensão, o que em parte atesta seu caráter arbitrário. Em seu primeiro treino no Fluminense, Conde precisou contar com o acaso para se fazer destacar entre os outros jogadores, já que não primava pelo preparo físico e nem possuía a técnica exigida pelo futebol de campo. O acaso se materializou no temporal que transformou o gramado do estádio das Laranjeiras em um campo que reproduzia as condições de jogo às quais Conde já estava acostumado a lidar nas partidas que fazia na praia. Em um erro da defesa adversária, a bola foi parar nos pés do jogador, que "levantou a bola da lama, encobriu o zagueiro e deu uma corridinha para receber o passe a si mesmo lá na frente já na entrada da área. O goleiro não teve remédio senão vir a seu encontro" (SANT'ANNA, 2012, p. 82). Nesse embate, Conde saiu vencedor ao completar a jogada com um gol, o que poderia ter sido considerado um lance comum, caso o goleiro em questão não fosse Castilho. A presença do lendário goleiro agigantou o feito de Conde, que no dia seguinte assinou contrato com um Fluminense temeroso de que algum outro clube o contratasse antes.

A passagem de Conde pelo clube foi breve e marcada por raras jogadas bonitas que fizessem jus à sua aquisição. Além disso, pouquíssimo afeito às exigências de treino e ao tipo de conduta atlética requerida pelo esporte de alto rendimento, Conde representava um "jogador-problema" (FLORENZANO, 1997), cuja corporalidade não se deixava adestrar pelos imperativos de um futebol profissional. O que também chamava a atenção eram as frequentes polêmicas despertadas por uma vida considerada incompatível com a de um jogador de futebol:

Sim, José Augusto era sócio do Jóckey, na qualidade de filho de quem era, e ia lá de terno e tudo como era obrigatório. E isso começava a irritar certas pessoas emproadas, que eram sócias tanto do Jockey como do Fluminense. Não custava lembrar que no Fluminense os jogadores eram empregados do clube [...] Aquele rapaz muito bem-vestido subvertia tudo (SANT'ANNA, 2012, p. 91).

A subversão consistia no fato de Conde não somente frequentar espaços reservados à elite, como também de fazer parte dela por ser filho de um rico industrial e político da época. A história se passa no final dos anos de 1950, quando os principais jogadores e ídolos do país tinham uma trajetória de ascensão social proporcionada pelo futebol. Como demonstrou Simoni Guedes, apesar da mudança de status social e econômico, faz-se necessário que o jogador se mantenha de modo compensatório demonstrando uma "conexão social com aqueles com quem se compartilhou a pobreza" (GUEDES *et al*, 2006, p. 8). Porém, para Conde não era possível voltar para um lugar onde nunca estivera. E isso provocava incômodo aos dirigentes, a parte da torcida e à imprensa, que passaram a considerá-lo incompatível com

as tradições de um clube aristocrático como o Fluminense: "Pais, mães, diretores e até o técnico se uniram em torno de um mesmo ideal: afastar o elemento pernicioso do clube" (SANT'ANNA, 2012, p. 95).

O Fluminense encontrou como solução emprestá-lo Bonsucesso Futebol Clube, tradicional agremiação do subúrbio carioca por onde passaram jogadores como Leônidas da Silva, mas que esportivamente não costumava conquistar campeonatos. Em termos financeiros, o clube dispunha de recursos módicos, e mesmo assim aceitou pagar os salários de Conde, acreditando tratar-se de um craque. No Bonsucesso, a passagem do jogador também foi breve, e marcada por um pênalti decisivo perdido que pôs fim à sua curta carreira de jogador profissional de futebol. Perda que se transformou em um enigma que o acompanhou sempre: "Posso até dizer que era a bola da minha vida, e aí deu no que deu. Confiei demais no meu taco Luiz e agora acabou-se o Conde e existe só o José Augusto" (SANT'ANNA, 2012, p. 173). A sensação de se estar diante de "uma força implacável de um destino que suprime desejos e vontades" (SANTOS, 2017, p. 69), uma problemática constantemente tematizada do universo ficcional de Sérgio Sant'Anna, encontra na marca do pênalti um espaço que metaforiza o imponderável com o qual Conde e nós leitores precisamos lidar. Na escrita de Sant'Anna, o futebol apresenta seu caráter trágico comum à vida, perpassada por momentos em que nos vemos diante de uma encruzilhada pela qual passa "a estrada para o que poderia ter sido e a estrada para o que será" (FRYE, 1973, p. 210).

O declínio, a derrota e os derrotados

Decadência, solidão, finitude são outros importantes temas encenados no teatro do futebol construído pela escrita de Sérgio Sant'Anna. O conto "Na boca do túnel" é emblemático nesse aspecto. Nele temos uma história que

gira em torno de um jogo realizado no Maracaña entre um clube de maior poder aquisitivo, o Flamengo, contra outro de menor que, no caso, é o São Cristóvão. O narrador é o técnico desse tradicional clube do subúrbio do Rio de Janeiro e, no decorrer do conto, compartilha algumas divagações a respeito da difícil tarefa de entrar em campo já sabendo que a derrota é certa. Nesse caso, o papel do treinador acaba limitado a fazer a *mise-en-scène* de um discurso motivador, repleto de lugares-comuns: "time grande, quando vai jogar com a gente, entra relaxado. Põe a bola no chão, passa ela para trás, para o lado, esquenta, pensa. Se a saída for nossa" (SANT'ANNA, 1998, p. 61). Mas na verdade em sua cabeça passava a vontade de dizer o seguinte: "Tanto faz entrar um como outro num time desses… eu estou à beira de dizer. Mas não digo. Seria *antipsicológico*" (SANT'ANNA, 1998, p. 61).

No conto, o treinador ocupa uma função que se tornou comum aos técnicos do futebol brasileiro a partir dos anos de 1970, quando passaram a ser compreendidos como mediadores entre os jogadores e os dirigentes e ao mesmo tempo serviam de organizadores do time que vai a campo em busca da vitória (MOSTARO, 2019). Ao assumir esse papel, toda carga de responsabilidade pelo resultado do jogo, sobretudo em se tratando de uma derrota, recai quase que inteiramente sobre seus ombros. Na história dos vilões da seleção brasileira, há vários exemplos de técnicos que, após a eliminação da seleção em Copas, foram sumariamente demitidos e considerados pela diretos derrota (COSTA, 2020). responsáveis essa lógica se repete mesmo no frágil time do São Cristóvão do conto de Sérgio Sant'Anna – fragilidade em campo que refletia o abismo de poderio financeiro que separava o clube de seu adversário, um poderoso Flamengo cuja gigante torcida estava acostumada a vitórias e conquistas.

O sentimento de impotência na literatura de Sergio Sant'Anna compõe o dilema da vida de seus narradores (SANTOS, 2000), e no conto "Na boca do túnel" ganha uma

dimensão não somente existencial, mas de ordem econômica e social (RIBEIRO, 1994). A exclusão social, em meio às mazelas urbanas, é traço comum ao realismo da obra do autor e se faz presente na narrativa de "Na Boca do Túnel". No caminho de volta para casa, o narrador percorre algumas ruas de São Cristóvão, onde a falta de emprego e de perspectiva futura lhe aguça o sentimento de solidão e melancolia que se mescla ao abandono do bairro, cuja principal rua, a Figueira de Melo, desde que passara a ser cortada por um viaduto, se transformara em um corredor escuro, tomado de oficinas de carro e de antigos sobrados abandonados; afinal viaduto "só é bom para quem passa cima dele [...]. Por baixo vira uma verdadeira desolação: escuro, fuligem e tristeza" (SANT'ANNA, 1998).

É debaixo dessa paisagem sombria que se esconde o Figueira de Melo, nome do estádio do São Cristóvão, o mais antigo do Rio de Janeiro. Na sua inauguração, ocorrida em um dia de festividades que culminou no jogo São Cristóvão 1 X 1 Santos, o estádio foi descrito como um "magnífico ground" pela famosa revista Fon Fon, ávida de retratar a modernidade da vida urbana, o que incluía os eventos esportivos. Porém, tudo isso ficou em um passado de glórias do clube campeão carioca de 1926, que gradativamente caiu em um franco processo de declínio: "Atrás de mim ficaram a sede e o campo do clube, onde grandes equipes como Flamengo, Fluminense e Vasco não vêm mais jogar. O estádio não comporta a torcida deles" (SANT'ANNA, 1998, p. 83). Em sua caminhada, nos deparamos com a paisagem de ruínas, do clube de futebol e da cidade: "Sim, São Cristóvão é um bairro tradicional e o clube do mesmo nome, uma verdadeira instituição [...] e que, uma vez, embora pouca gente saiba, o time foi até campeão [...]. Depois o time e o clube foram mirrando, mirrando até ficarem do jeito que estão" (SANT'ANNA, 1998, p. 81).

Declínio e finitude também estão presentes no último conto de Sérgio Sant'Anna sobre futebol, publicado pouco

depois de seu falecimento. Na história, observamos os lances do futebol e da vida por intermédio do testemunho e da participação de uma trave de madeira que estava em vias de ser substituída. Mas antes que esse inevitável fato acontecesse, a trave compartilha todo seu encanto com as jogadas que assiste, com os gols marcados e os gols evitados justamente por ela, durante um treino do Fluminense: "Didi acaba de bater uma falta dessas, só que a bola bateu na trave, eu, bem no ângulo. Não sei se devo sentir orgulho ou decepção, acho que ambas as coisas" (SANT'ANNA, 2020). No conto há menção a parte do elenco do time do Fluminense de 1952 que tinha no gol Castilho, também personagem de "Páginas sem Glória". Trata-se de uma prática comum na escrita de Sant'Anna quando o tema é futebol: a mescla entre personagens inventados e outros que de fato fizeram parte da história desse esporte no Brasil. Em "Das memórias de uma trave de futebol em 1955" há menção a jogadores como Didi, Castilho, Telê Santana, Píndaro, que compuseram o time campeão da Taça Rio daquele ano, título que até os dias de hoje o clube reivindica pelo reconhecimento dessa competição como um Mundial de Clubes.

A trave se apresenta como uma espécie de narradoratestemunhaqueseconstituicomo alguém que possui umângulo de visão externo aos acontecimentos, mas que também está presente no lugar onde as ações são praticadas, atuando como um olhar participante. No caso da escrita de Sérgio Sant' Anna, o recurso a um narrador-testemunha amplia a sensação de uma dimensão existencial tangenciada pela transitoriedade e a impossibilidade de o narrador se reconhecer como "um sujeito uno e pleno" (SANTOS, 2000, p. 28). Em se tratando de uma trave, temos no conto de Sant' Anna o protagonismo dado a um objeto que compartilha suas observações sobre a vida e sobre a morte, ilustrando a dimensão da "biografia cultural das coisas" (KOPYTOFF, 2008) e os significados que por ela transitam. No conto temos uma trave fazendo-nos

lembrar que os objetos têm o poder de comunicar, o que já se fez presente na literatura brasileira como, por exemplo, no clássico livro *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, no qual a decadência de uma casa acompanha a degradação física e das relações afetivas de uma família.

Um objeto pode contar histórias diversas, reconectandonos desse modo com pessoas, sendo que é válido lembrar que, no futebol, os objetos ocupam lugar relevante, formando uma composição que pode tocar o sagrado, como ocorre com os uniformes, as bandeiras, a bola e — por que não? — a trave, essa que serve de meta a ser ultrapassada e que pode atuar como heroína, ao evitar um gol adversário, ou vilã, ao impedir a alegria de um gol favorável a nosso time de coração: "Quando a bola bate em mim, depois de um bom chute, como a folha seca do Didi, sinto quase como mérito meu. Mas bolas entram e tudo bem, é também parte do meu jogo particular" (SANT'ANNA, 2020). Uma trave pode definir resultados de partidas, tornando-as inesquecíveis para a torcida e para os jogadores, como ocorre em "Páginas sem glória", no qual o pênalti chutado por Conde esbarra mansamente numa trave.

Nesse último conto de Sério Santanna sobre futebol, a trave se vê diante da certeza de que seu fim está próximo: "[...] pois sei que é chegado o meu fim, até madeira empena sob o sol, de vez em quando é preciso trocar as traves. Já vieram aqui e me examinaram, umas três vezes, como se fossem médicos. 'É, tem de trocar'" (SANT'ANNA, 2020). Resta-lhe narrar suas memórias e os últimos momentos que lhe cabem na grande área de um campo de futebol, espaço que confere sentido a sua existência e no qual novamente se desenha, na escrita de Sant'Anna, como o lugar em que se desenvolvem os grandes lances do futebol e da vida. Lances que ressaltam a fragilidade e vulnerabilidade à qual estamos expostos e contra às quais lutamos, mesmo pressentindo — ou mesmo tendo a certeza — que seremos derrotados. O reconhecimento dessa dimensão trágica presente na arte de Sergio Sant'Anna

pode ser estendido ao nosso cotidiano. Longe de enfatizar o fatalismo, podemos ser levados a reconhecer nossos limites e, desse modo, nos despirmos da arrogância de uma imaginada soberania do indivíduo e assim caminharmos na direção uma vida coletivamente articulada por intermédio do diálogo e da ação construtiva e conjunta (EAGLETON, 2013).

No teatro do futebol de Sergio Sant'Anna, o protagonismo cabe a personagens que não escondem suas dúvidas, seus medos, seus fracassos, mas que justamente por isso se mostram figuras potencialmente questionadoras de valores socialmente arraigados. É o ato de narrar que resta a esses personagens para que possam sobreviver a uma realidade muitas vezes brutal e frequentemente inapelável.

REFERÊNCIAS

APPEL, Valdir. Na boca do gol. Itajaí: S & T Editores, 2006.

BARCELOS, Danilo. A cena patética de um gol ao último minuto. *Ludopédio*, São Paulo, v. 125, n. 9, 2019.

BARTHES, Roland. *Le Sport et les hommes*. Montreal: Pu de Montreal, 2004.

BRANDÃO, Pedro Henrique. Sérgio Sant'Anna, um contista com a janela aberta para o futebol. *Ludopédio*, São Paulo, v. 132, n. 24, 2019.

COSTA, Leda M. da. *Os vilões do futebol*. Jornalismo esportivo e imaginação melodramática. Curitiba: Appris, 2020.

EAGLETON, Terry. *Doce violência*. A ideia do trágico. São Paulo: Unesp, 2013.

FERNANDEZ, Renato Lanna. Um intelectual a serviço do esporte. Il jornada discente do PPHPBC (CPDOC/FGV). Intelectuais e poder. Pós-graduação em história, política e bens culturais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

FLORENZANO, José Paulo. *A rebeldia no futebol brasileiro*. 1997. 298 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

FRYE, Northrop. Anatomia da crítica. São Paulo: Cultrix, 1973.

GUEDES, Simoni; DAVIES, Júlio D'Angelo; RODRIGUES, Michelle Antunes; SANTOS, Rafael Medeiros. Projetos sociais esportivos: notas de pesquisa. *XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ*: Usos do Passado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. *In*: APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas*. As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008. p. 83-113.

MORAES NETO, Geneton. *Dossiê 50*: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. *Os técnicos, os campos e as Copas*: imprensa, narrativa e o imaginário da elite cultural do esporte. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Footballmania. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RIBEIRO, Francisco Aurélio. Futebol, política e literatura. *Contexto*: Revista do Departamento de Línguas e Letras, n. 3, 1994.

ROSSO, Mauro. *Lima Barreto versus Coelho Neto*. Um Fla x Flu literário. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

SANT'ANNA, Sergio. Na boca do túnel. *In*: COSTA, Flavio Moreira da (org.). *Onze em campo e um banco de primeira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998. p. 107-129.

SANT'ANNA, Sergio. No último minuto. *In*: MATTOS, Cyro de (org.). *Contos brasileiros de futebol*. Brasília: LGE, 2005. p. 141-148.

SANT'ANNA, Sergio. Páginas sem Gloria. *In*: SANT'ANNA, Sergio. *Páginas sem Gloria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 71-178.

SANT'ANNA, Sergio. Das memórias de uma trave de futebol em 1955. Folha de S. Paulo, 26 abr. 2020.

SANTOS, Luis Alberto Brandão. *Um olho de vidro*: a narrativa de Sergio Sant'Anna. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2000.

SANTOS, Helenice Fragoso dos. *A narrativa de Sérgio Sant'Anna sob o signo da sobrevivência*. 2017. 126 p. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

SOARES, Luiz Eduardo. Futebol e teatro. Notas para uma análise de estratégias simbólicas. *Boletim do Museu Nacional*, Antropologia, n. 33, jul. 1979.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio*. O futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL EM *LUZES DE NITERÓI*, DE MARCELLO QUINTANILHA

Marcel Vejmelka

O futebol na linguagem

Na sua *Poética do futebol* (*Poetik des Fußballs*), o filósofo alemão Gunter Gebauer define de forma concisa a particularidade que caracteriza a relação entre o futebol e a sua representação para além do próprio jogo no gramado: "A afasia do futebol origina forçadamente a sua capacidade extraordinária de representação" (GEBAUER, 2006, p. 119). Esta "afasia", ou também essencial "falta de uma linguagem própria", necessariamente faz surgir outras linguagens para assumirem a representação do futebol antes, depois e entre as partidas.

Um exemplo clássico disso é a representação do futebol pela linguagem verbalizada, que historicamente se divide em duas modalidades de importância decisiva. A primeira é escrever sobre o futebol, tradicionalmente em meio impresso enquanto reportagem, notícia ou comentário em jornais e revistas, modalidade que hoje em dia também e cada vez mais se manifesta nas diferentes formas de escrita digital e interativa. Outra forma de verbalização de importância semelhante é a narração oral e ao vivo do jogo transmitida pela rádio.

Ambas as modalidades podem ter perdido algo da sua importância e influência quase monopolizante durante a ascensão e consolidação do futebol até o fim do século XX — principalmente para a transmissão ao vivo e em cores pela televisão, hoje em dia em alta definição nos mais diversos aparelhos como a *smart tv*, o *tablet* ou até no celular. Porém, mesmo em tempos do *streaming* global, a reportagem jornalística anterior e posterior ao jogo, seja ela superficial ou de fundo, mantém a sua relevância no panorama da verbalização e consequente construção discursiva do jogo

"mudo". Também se vem mantendo formatos tradicionais da transmissão de jogos ao vivo pela rádio e inclusive estão surgindo novos formatos auditivos através dos meios digitais.

Um motivo para a sobrevivência e contínua importância desses formatos pode ser encontrado na argumentação de Gebauer: "A narração pela rádio e a reportagem de qualidade nos jornais vive justamente dessa possibilidade de causar a sensação de movimento através da linguagem" (GEBAUER, 2006, p. 123). Segundo ele, a possibilidade de "sentir", através da linguagem, "os movimentos" no campo que não se veem, seria o fator decisivo que até hoje encanta e captura muitos aficionados do futebol.

A representação do futebol na obra gráfica de Marcello Quintanilha

Uma observação é que o gênero artístico da história em quadrinhos ou HQ quase não inclui o jogo de futebol na sua esfera, apesar de possuir uma capacidade própria de representar de forma visual este esporte através da imagem desenhada e serializada, eventualmente em combinação com a linguagem verbalizada. Uma exceção a esta falta de atenção para o futebol nas HQ's é a obra de Marcello Quintanilha, quadrinista e escritor fluminense, radicado há quase vinte anos em Barcelona, e um dos representantes brasileiros do gênero de maior destaque no palco mundial (CHRISTIANO, 2015). Quintanilha ficou conhecido internacionalmente com o romance gráfico *Tungstênio*, de 2014, que foi traduzido para várias línguas (HÜBNER; WINK, 2019) e também adaptado para o cinema por Heitor Dhalia em 2018.

Quintanilha explora de maneira particular a expressividade própria do futebol através da combinação de desenho e escrita. Já no seu primeiro romance gráfico, *Fealdade de Fabiano Gorila*, de 1999, ele conta a história de um jogador de futebol nos anos 1950 — baseada na biografia de seu pai — e desenvolve um estilo

pessoal e poderoso de representação do jogo em seus painéis (VEJMELKA, 2020). O quadrinista afirma ter se inspirado, para a sua transposição do jogo de futebol para os painéis de HQ, nas fotografias que acompanhavam as reportagens futebolísticas no jornal, portanto, em outra modalidade da imagem parada ou imóvel usada para representar o movimento no futebol. Em entrevista para a revista *Bravo!*, ele explica:

[...] as primeiras noções do meu conhecimento sobre anatomia e, principalmente, movimento, decorrem da observação sistemática das fotografias dos jogos de futebol impressas nos jornais dos anos 70 e 80, diante das quais eu passava horas e horas, tentando apreender ao máximo a mágica lógica da captura do instante preciso de um movimento, sem qualquer tipo de intencionalidade por parte das figuras ali representadas (SPACA, 2017).

A linguagem verbalizada, por escrito ou pela fala, junto com a imagem parada da fotografia e do desenho — são esses fundamentos da arte da HQ que Quintanilha maneja com um estilo e uma narrativa particulares, que serão apresentadas e analisadas a seguir.

Em *Luzes de Niterói*, romance gráfico de 2018, Quintanilha acompanha durante dois dias o jovem Hélcio, jogador profissional do Canto do Rio FC em Niterói, com ambições de conseguir contrato com um dos grandes clubes do Rio de Janeiro. A história está ambientada na segunda metade dos anos 1950; a primeira parte se passa na véspera do jogo do Canto do Rio, em casa, contra o Vasco da Gama, pelo campeonato carioca; a segunda parte acontece durante esta partida. Quando observam desde a praia um homem pescando com dinamite, Hélcio e seu amigo Noel atravessam em barco a remo a Baia de Guanabara, para também apanhar alguns peixes. Esta primeira parte se caracteriza pelos momentos em que Hélcio mergulha no mar perseguindo um peixe grande, "mergulhando" também em lembranças e reflexões pessoais.







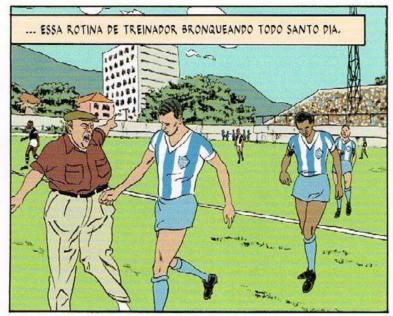










FIGURA 1 Reminiscências oníricas de Hélcio do "clube de fábrica" embaixo d'água. Fonte: Quintanilha (2018, p. 44)

São momentos quase oníricos em que o protagonista reflete a sua própria situação de jogador profissional que aspira a maiores clubes e contratos, e a sua vida e trajetória até o momento presente, na véspera do importante jogo contra o Vasco da Gama. No primeiro momento em que Hélcio mergulha na água e na memória, os leitores ficam sabendo

que ele começou como jogador semiprofissional, no sistema do futebol de operário, num time de fábrica, o Manufatora Atlético Clube, em Niterói (QUINTANILHA, 2018, p. 44).

Nos painéis desta sequência, aparecem cenas do cotidiano de Hélcio enquanto jogador, batendo ponto na fábrica para treinar em vez de trabalhar. Com isto, a dimensão sociopolítica do futebol brasileiro está presente desde o início na representação do esporte nesta obra de narrativa gráfica:

Uma das intenções de Quintanilha foi enfatizar o que ele chama de "mito do futebol brasileiro oriundo das fábricas". Assim como o Manufatora nasceu dentro da Cia. Manufatora Fluminense de Tecidos, no bairro niteroiense de Barreto, o tradicional Bangu surgiu a partir da Fábrica de Tecidos Bangu, sendo as equipes fabris essenciais para a popularização do futebol no Brasil do início do século 20 (VITRAL, 2019).

Em outra sequência intercalada com os momentos de mergulho na Baia de Guanabara, Hélcio lembra de quando ficou parado nas portas do Fluminense FC no Rio de Janeiro, onde tivera marcado um teste, o qual não aconteceu devido ao suicídio de Getúlio Vargas na madrugada daquele dia — 24 de agosto de 1954. Esta sequência dá continuidade ao retrato das circunstâncias de um jogador semiprofissional da época e do tópico da ascensão social através do futebol (QUINTANILHA, 2018, p. 76). Depois do treino cancelado, Hélcio foge pelos tumultos no Rio de Janeiro, em casa sofre a pressão do pai e acaba abrindo mão da ambição de entrar num dos grandes times cariocas, para finalizar a contratação pelo Canto do Rio.

Entre todas estas reflexões socioculturais e históricas, vale a pena lembrar que o trabalho de Marcello Quintanilha, de representar o futebol na HQ, constitui uma proposta estética extraordinária e fascinante. Isto fica visível principalmente nas sequências dedicadas às jogadas durante uma partida de futebol. Cenas isoladas e curtos *flashes* de memória de treinos e jogos aparecem desde o início das sequências que se intercalam com os mergulhos de Hélcio.





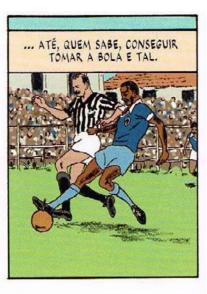














FIGURA 2 Drible de Rubens Pavão, também lembrado por Hélcio durante o mergulho. Fonte: Quintanilha (2018, p. 64)

Em uma cena, Hélcio se lembra da tendência do seu antigo time, o Manufatora, de permitir ao adversário virar o jogo, por falta de concentração e fé na fase final. Concretamente, ele rememora as jogadas do meia-esquerda Rubens Pavão, do Fonseca Atlético Clube, time niteroiense que Hélcio qualifica como "traiçoeiro". Durante mais de uma página, as

imagens se concentram exclusivamente nos dribles do jogador Rubens Pavão que em quatro painéis passa pelo zagueiro do Manufatora e acaba marcando o gol de empate para o Fonseca, seguido pelo gol de virada que define a derrota do Manufatora (QUINTANILHA, 2018, p. 64).

O futebol narrado pela rádio, dentro da HQ

Quando o barco está cheio, Hélcio e Noel tentam vender os peixes na Ilha da Luz del Fuego, ilhota povoada por nudistas da elite carioca, e finalmente no mercado da Ilha de Paquetá. No final da tarde, no caminho de volta para Niterói, uma tempestade os apanha. Nessa parte do romance gráfico, a luta dos dois amigos para chegar ao outro lado da Baía de Guanabara se alterna com momentos na barbearia do pai de Hélcio em Niterói, onde alguns clientes e amigos se reúnem para esperar o fim da chuva, e na concentração do time do Canto do Rio num hotel.

A seguir, o pai de Hélcio e o técnico do Canto do Rio, cada um independentemente, saem em busca do jogador. Alta noite, Hélcio e Noel conseguem pisar terra firme e são encontrados pelos dois. A volta dos amigos acabara em briga e eles se separam sem falar mais. Hélcio vai se juntar ao time na concentração, e a parte final do romance gráfico se passa durante o jogo do Canto do Rio contra o Vasco da Gama no dia seguinte, alternando cenas da partida com o pai e amigos escutando a narração à frente do aparelho de rádio na barbearia e com Noel visitando um bordel.

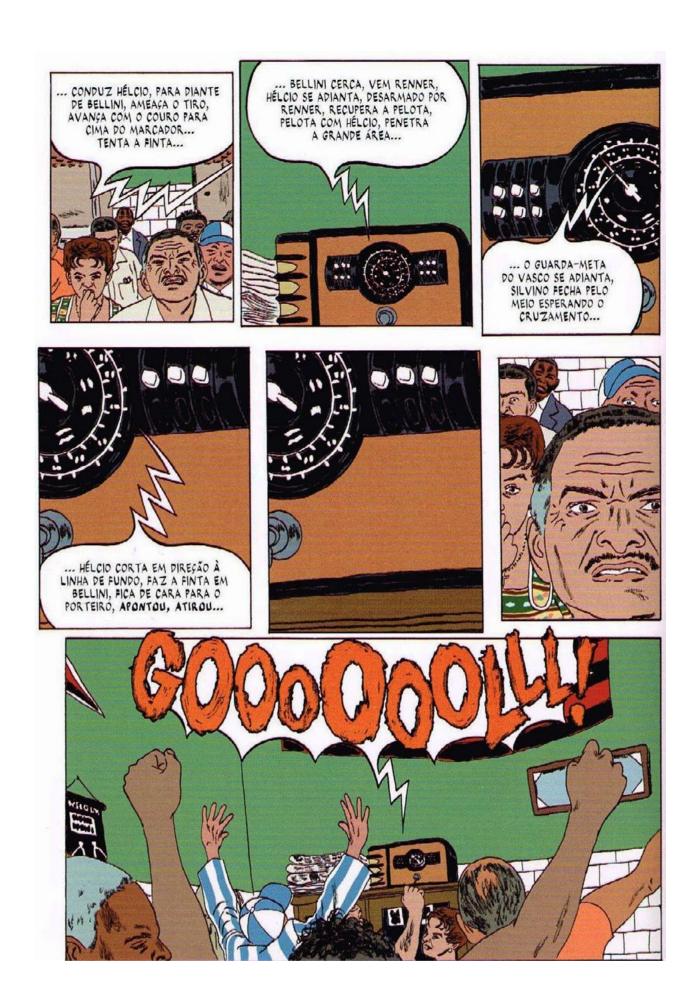


FIGURA 3 O gol da vitória do Canto do Rio, marcado por Hélcio e narrado pela rádio. Fonte: Quintanilha (2018, p. 196)

As jogadas se reproduzem em sequências dinâmicas semelhantes à cena dos dribles de Rubens Pavão anteriormente citada, que enfocam grandes áreas do campo e detalhes, como a bola nos pés dos jogadores. Poucos minutos antes do fim do segundo tempo, a segunda tentativa sucede e Hélcio marca o gol da vitória do Canto do Rio, tornando-se herói da partida.

Entretanto, neste momento, o jogo no gramado passa a ser invisível na sua representação gráfica. O gol da vitória não se vê nos painéis, é narrado pela rádio e escutado pelo pai de Hélcio e por seus amigos na barbearia (QUINTANILHA, 2018, p. 196). Assim, Quintanilha realiza uma virada "metanarrativa" muito interessante: na HQ, é visualizado no desenho aquilo que, em princípio, não se pode ver, isto é, a narração radiofônica da jogada, tornando-se visível, assim, o próprio meio auditivo pelo qual os ouvintes — e também, paradoxalmente, os leitores — são possibilitados a visualizarem a jogada que não veem imediatamente.

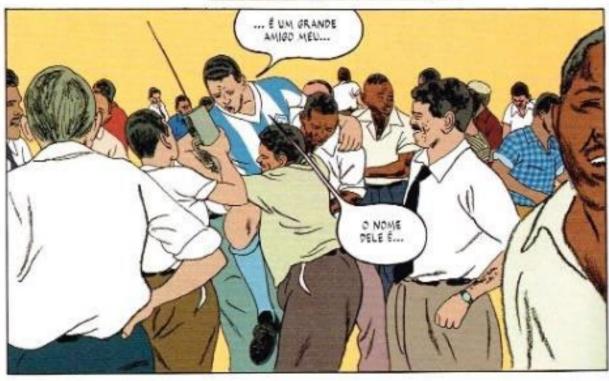
A imagem cada vez maior e em *close* do aparelho, com a voz do locutor narrando a jogada, em última instância não mostra o rádio, mostra — através da imagem do rádio — a imaginação dos ouvintes escutando a narração e "vendo", na sua imaginação, o gol, cujo grito estoura no último painel da página, num exemplo particular da expressividade da narrativa gráfica.











201

FIGURA 4 Hélcio é festejado pela torcida e entrevistado pela rádio. Fonte: Quintanilha (2018, p. 201)

A sequência após o apito final da vitória do Canto do Rio contra o Vasco (QUINTANILHA, 2018, p. 201) reúne quase todos os elementos que se situam ao redor do jogo de futebol: a invasão do campo pela torcida feliz, o repórter com seu equipamento entrevistando o jogador, imagens que alternam com o aparelho de rádio montado no salão do pai de Hélcio, passando assim o efeito de simultaneidade da transmissão

ao vivo, e uma pilha de jornais colocada justamente ao lado do rádio. Com essa estratégia de representação artística, Quintanilha consegue captar e refletir elementos da presença mediática e discursiva do futebol que nos anos 1950 exercia um papel decisivo para a presença e influência cultural do esporte no Brasil.

Esta representação do futebol por Marcello Quintanilha em *Luzes de Niterói* evidencia a particularidade de incluir os meios da própria representação: nas sequências do romance gráfico que tratam "explicitamente" do futebol, o rádio e o jornal têm um protagonismo destacado. Assim, o romance gráfico marca o momento histórico da popularização do futebol através da mídia de massas antes do surgimento da transmissão ao vivo do futebol pela televisão em 1956, que iria acrescentar dimensões completamente novas ao fenômeno (BERNECKER; PIETSCHMANN; ZOLLER, 2000, p. 260).

O enredo de *Luzes de Niterói* se situa mesmo num momento histórico a partir do qual o futebol, no Brasil e no mundo, vai se consolidando como produto comercial e como referência fundamental da cultura popular moderna. O estudioso alemão Klaus Theweleit (2004), não por acaso, liga esta evolução histórico-cultural do futebol com a ascensão da música popular e o papel da rádio como meio de comunicação responsável pela ampla difusão dos dois elementos.

Numa reflexão que complementa a ideia inicial de Gebauer a respeito das linguagens "externas" ao futebol, Theweleit nos ajuda a compreender como a realidade física, particularmente a corporalidade do jogo de futebol — e da dança, no caso da música popular —, era articulada e "transmitida" pelo som do rádio: "Como o rock, o futebol saíra da rádio e fora transmitido para o corpo, agindo como o seu mais importante elemento estabilizador e também como elemento transformador de sua estrutura. [...] O futebol só podia virar portão para o mundo através da sua capacidade de acoplar a sua própria corporalidade com os meios técnicos de sua transmissão" (THEWELEIT, 2004, p. 57-58).

O trocadilho da expressão alemã *Tor zur Welt* escapa à tradução, pois combina o "gol" futebolístico — como metáfora do sucesso econômico e social do esporte no mundo — com o "portão" enquanto porta de entrada para o palco mundial e a sua extraordinária importância cultural. Sem querer forçar esta interpretação, o painel que representa e narra na modalidade gráfica e escrita o gol de Hélcio se oferece como uma possível chave de leitura para *Luzes de Niterói* como reflexão estética sobre a história do futebol no Brasil dos anos 1950.

A linha interpretativa ao longo das modalidades midiáticas articuladoras do futebol vem acompanhando também a formulação e a formação discursivas da Nação desde o tardio século XIX até meados do século XX, na perspectiva aqui empregada. Num estudo sobre a relação entre futebol, nação e mídia, David Wood aponta para este aspecto:

Benedict Anderson afirma que a palavra impressa é aquela que nos oferece uma chave para entender o surgimento do nacionalismo, mas os anos 1930 foram a década na qual outra nova tecnologia importada faria mais do que os jornais e revistas para poder imaginar as nações da região por meio do futebol, a saber: o rádio [...] (WOOD, 2021, P. 382).¹⁵

Wood refere ao conceito da "comunidade imaginada" como fundamento da Nação e do processo de identificação nacional cunhado por Benedict Anderson, que atribui à palavra impressa o papel decisivo para a emergência do nacionalismo nas periferias do colonialismo europeu a partir do século XVIII, particularmente aos jornais e ao gênero literário do romance, cuja lógica ele define como "vernacular print-capitalismo" (ANDERSON, 2006, p. 76). Wood transfere esse papel, a partir dos anos 1920, ao paralelismo do papel formativo para a identidade nacional: por um lado, da mídia impressa e radiofônica; por outro, do jogo de futebol cada vez mais popular e significativo no contexto sul-americano:

¹⁵ No original: "Benedict Anderson afirma que es la palabra impresa la que nos ofrece una clave para entender el surgimiento del nacionalismo, pero los años 30 fueron la década en la que otra nueva tecnología importada haría aún más que los periódicos y revistas para poder imaginar las naciones de la región a través del fútbol, a saber: la radio [...]".

O primeiro jogo da região que foi transmitido pelo rádio foi, justamente, uma partida entre Argentina e Uruguai em outubro de 1924, poucos meses depois do triunfo uruguaio em Paris, nos Jogos Olímpicos (outra manifestação do neoclassicismo desportivo) (WOOD, 2021, p. 382).¹⁶

explicar mecanismo ajuda a a importância extraordinária que o futebol teve em muitos lugares para a formação da identidade nacional e do Estado-Nação, e se intensifica no Brasil durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, que aposta conscientemente nessas duas modalidades da cultura popular. Na sua dissertação sobre esta "era de ouro da rádio no Brasil", Daniel Damasceno Crepaldi (2009) aponta para a importância da Rádio Nacional, fundada em 1936 no Rio de Janeiro, controlada pelo governo a partir de 1940 e utilizada como "rádio oficial" do Brasil, com equipamento moderno, bom financiamento e ampla difusão nacional, bem como para a importância particular, em relação à divulgação e à popularização do futebol no Rio de Janeiro, da Rádio Mayrink Veiga (CREPALDI, 2009, p. 16-18).

Em analogia ao exemplo da transmissão radiofônica da partida entre a Argentina e o Uruguai em 1924, no Brasil, a transmissão transatlântica ao vivo dos jogos da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938 na França servia como objeto e veículo do fortalecimento da "brasilidade", como entendida pelo Estado Novo, através da popularização do futebol:

Para o Mundial de 1938, o primeiro no qual a ação dos jogos era transmitida ao vivo pelo rádio no Brasil (Wisnik, 2008: 184), Vargas mandou instalar autofalantes em lugares estratégicos para que o público brasileiro pudesse escutar a narração dos jogos da seleção na França (WOOD, 2021, p. 382).¹⁷

¹⁶ No original: "El primer partido de la región que se transmitió en la radio fue, justamente, un partido entre Argentina y Uruguay en octubre 1924, pocos meses después del triunfo uruguayo en París en los Juegos Olímpicos (otra manifestación del neoclasicismo deportivo)". 17 No original: "Para el Mundial de 1938, el primero donde se transmitía la acción de los partidos en directo por radio al Brasil (Wisnik 2008: 184), Vargas mandó instalar parlantes en lugares estratégicos para que el público brasilero pudiera escuchar la narración de los partidos de la *seleção* en Francia".

Luzes de Niterói está ambientado na segunda metade dos anos 1950, num momento histórico ainda fortemente marcado por este papel do rádio na consolidação do futebol enquanto elemento central da cultura popular brasileira, e ainda antes da televisão assumir grande parte dessa dinâmica e importância. O romance gráfico não explicita estas referências, mas constrói de forma ampla e sutil o contexto histórico-cultural.

Este momento da transmissão ao vivo da narração oral da partida de futebol condensa e intensifica — no decorrer da primeira metade do século XX — as forças e dinâmicas discursivas envolvidas na construção dos estados nacionais originadas no século XIX, dando mais um passo à frente no estabelecimento do tempo "messiânico", do tempo "homogêneo e vazio", concebido por Walter Benjamin como resultado de uma nova simultaneidade e retomado por Anderson no contexto das "comunidades imaginadas":

O que veio a tomar o lugar da concepção medieval de simultaneidade ao longo do tempo é, para tomar emprestado novamente de Benjamin, uma ideia de "tempo homogêneo e vazio", em que a simultaneidade é, por assim dizer, transversal, cruzada, marcada não por prefiguração e por cumprimento, mas por coincidência temporal e medida pelo relógio e pelo calendário (ANDERSON, 2006, p. 24).¹⁸

Esta simultaneidade através do espaço está intimamente ligada com o conceito da "comunidade imaginada" que Anderson apresenta no seu livro como veículo de identificação coletiva para grupos de indivíduos sem vínculos diretos entre si. No futebol, e já no século XX, podemos constatar que a simultaneidade da transmissão da partida ao vivo possibilita o surgimento e a consolidação de uma "comunidade imaginada" ao redor de um time, um clube e um esporte, para além do número fisicamente presente de espectadores no estádio durante a respectiva partida e para além o jogo

¹⁸ No original: "What has come to take the place of the medieval conception of simultaneity-along-time is, to borrow again from Benjamin, an idea of 'homogeneous, empty time,' in which simultaneity is, as it were, transverse, cross-time, marked not by prefiguring and fulfilment, but by temporal coincidence, and measured by clock and calendar".

de futebol em sua limitação espacial e temporal. É esta "transcendência" do futebol para além de si mesmo, através da sua representação midiática e simultânea, que Marcello Quintanilha representa, por sua vez e de maneira sugestiva, na sua arte gráfica em *Luzes de Niterói*.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. Reflections on the Origins and Spread of Nationalism. London/New York: Verso, 2006.

BERNECKER, Walther L.; PIETSCHMANN, Horst; ZOLLER, Rüdiger. Eine kleine Geschichte Brasiliens. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000.

CHRISTIANO, Caio César. La littérature brésilienne se dessine. *IdeAs*, n. 5, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.4000/ideas.975. Último acesso em: 15 dez. 2021.

CREPALDI, Daniel Damasceno. *A participação da rádio nacional na difusão do futebol no Brasil nas décadas de 1930 e 1940.* 2009. 97 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

GEBAUER, Gunter. *Poetik des Fußballs*. Frankfurt am Main: Campus, 2006.

HÜBNER, Lea; WINK, Georg. A Tradução de Histórias em Quadrinhos: Teoria e Prática pelo Exemplo de Dois Romances Gráficos Brasileiros Vertidos para o Alemão. *Santa Barbara Portuguese Studies*, Santa Barbara, v. 3, 2019. Disponível em: https://sbps.spanport.ucsb.edu/sites/default/files/sitefiles/02_Lea_Georg.pdf. Último acesso em: 15 dez. 2021.

PAIXÃO JÚNIOR, Márcio Mário da; FRANCO, Edgar SILVEIRA. Historizar sempre! Anacronizar sempre! Duas abordagens de *Fealdade de Fabiano Gorila*. *Esferas*, Brasília, n. 9, p. 101-110, jul./dez, 2016. Disponível em: http://dx.doi.org/10.31501/esf.v0i9.8772. Último acesso em: 15 dez. 2021.

QUINTANILHA, Marcello. Tungstênio. São Paulo: Veneta, 2014

QUINTANILHA, Marcello. *Fealdade de Fabiano Gorila*. Seguido de Granadilha de Três minutos de linhas. Lisboa: Polvo, 2016.

QUINTANILHA, Marcello. Luzes de Niterói. Lisboa: Polvo, 2018.

SPACA, Rafael. "Não separo desenho e palavra". Na série com grandes quadrinistas brasileiros, Spaca entrevista Marcello Quintanilha. *Bravo!*, São Paulo, 25 mai. 2017. Disponível em: https://medium.com/revista-bravo/n%C3%A3o-separo-desenho-e-palavra-8345b99dd33d. Último acesso em: 15 dez. 2021.

THEWELEIT, Klaus. *Tor zur Welt*. Fußball als Realitätsmodell. Colônia: Kiepenheuer & Witsch, 2004.

VEJMELKA, Marcel. Política, futebol e mito em miniatura: *Fealdade de Fabiano Gorila*, de Marcello Quintanilha. *FuLiA/UFMG*: revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes, Belo Horizonte, v. 4 n. 3, p. 135-153, 2019. Disponível em: http://dx.doi.org/10.17851/2526-4494.4.3.135-153. Último acesso em: 15 dez. 2021.

VITRAL, Ramon. Dia de caos do pai futebolista inspira HQ do premiado Marcello Quintanilha. Páginas coloridas de 'Luzes de Niterói' tratam das origens fabris do futebol brasileiro. *Folha de São Paulo*, 08 mar. 2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/03/dia-de-caos-do-pai-futebolista-inspira-hq-do-premiado-marcello-quintanilha.shtml. Último acesso em: 15 dez. 2021.

WOOD, David. Cien años de goledad: medios, literatura y fútbol globalizado. *In:* FISCHER, Thomas; KÖHLER, Romy; REITH, Stefan (org.). *Fútbol y sociedad en América Latina – Futebol e sociedade na América Latina*. Frankfurt am Main/Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2021. p. 377-394.

GAZETAS RIMADAS: POESIA E HUMOR NOS PRIMÓRDIOS DO FUTEBOL

Marcelino Rodrigues da Silva

Nos estudos sobre as relações entre futebol e literatura no Brasil, existe um lugar comum que diz que os escritores brasileiros não dedicaram ao esporte toda a atenção que ele merecia, considerando sua importância na vida cultural do país. Uma das fontes desse lugar comum é, certamente, o ensaio "O futebol na literatura brasileira", de Milton Pedrosa, que integra o livro Gol de letra, uma antologia de textos literários sobre o esporte publicada pela editora Gol em 1967, referência obrigatória para quem se interessa pelo assunto. A principal razão desse desinteresse, segundo Pedrosa, se encontraria no fato de que, tendo se tornado um esporte eminentemente popular, o futebol "não podia constituir objeto de cogitações de ordem literária ou estética" por parte de nossas elites intelectuais, formadas em grande parte por "herdeiros espirituais do latifúndio e dos senhores de escravos" (PEDROSA, 1967, p. 23).

Embora pareça correto em suas linhas gerais, esse diagnóstico vem sendo relativizado de diversas formas, graças ao crescente aumento do interesse intelectual pelo futebol, observado desde as últimas décadas do século XX. Nas universidades, alguns pesquisadores têm se encarregado de ampliar o panorama, descobrindo e catalogando outros textos, de autores mais ou menos conhecidos. Outros buscam repensar os termos do debate, observando que, se nos gêneros literários mais nobres essa relação não foi realmente muito intensa, a crônica jornalística, pelo contrário, foi um lugar de constantes aproximações e trocas entre os dois campos, tendo entre seus adeptos diversos escritores consagrados. No campo editorial, os escritos de alguns desses autores vêm ganhando a forma de livros, geralmente coletâneas de crônicas

publicadas na imprensa. E, no próprio campo literário, vem surgindo recentemente uma nova geração de poetas, contistas e romancistas interessados no futebol.

Além de tudo isso, é preciso lembrar que o diagnóstico de Pedrosa foi feito num momento em que o futebol já estava plenamente consolidado como o esporte mais popular do país. Mas, nas primeiras décadas do século XX, pouco tempo depois de ter chegado ao Brasil, ele era um esporte de elite, apreciado por jovens abonados que viviam nas principais metrópoles brasileiras. Junto com outras modalidades, ele fazia parte da verdadeira febre esportiva que se instalou no país, como sinal de civilização, modernidade e sintonia com as novidades da cultura europeia. Estava integrado, portanto, às intensas transformações tecnológicas e culturais que se processavam nas grandes cidades brasileiras, com o surgimento de bondes, automóveis e luz elétrica, o desenvolvimento de uma imprensa moderna, com altas tiragens e estrutura empresarial, a disseminação da fotografia, dos gramofones e do cinema. Nesse momento, o futebol e os demais sports parecem ter gozado, sim, de bastante prestígio entre as camadas letradas da sociedade, sendo por vezes objeto de grande entusiasmo cívico e de acirradas polêmicas entre intelectuais e escritores.

Uma visão panorâmica das relações entre futebol e literatura no Brasil, portanto, pode ser enriquecida por um olhar mais cuidadoso para esse período, de certa forma obscurecido pelo caráter generalizante do diagnóstico de Pedrosa. Um olhar que pode, inclusive, revelar tendências e contradições que só se configurariam mais claramente nas décadas posteriores. O objetivo deste trabalho é explorar um pouco essa lacuna, lançando luz sobre um curioso fenômeno que ainda é pouco conhecido pelos estudiosos do tema. Trata-se da peculiar produção poética sobre o futebol publicada pelos jornais e revistas da época, no bojo de um processo em que tanto o esporte quanto a imprensa esportiva estavam em franco

desenvolvimento, alimentando-se mutuamente e começando a preparar o caminho para a transformação do futebol em um espetáculo de massas.

Futebol e literatura no início do século XX

Na bibliografia sobre a história do futebol no Brasil, podemos encontrar diversos registros da relação dos intelectuais e escritores com os esportes, em geral, e o futebol, em particular, nas primeiras décadas do século XX. Na maior parte das vezes, tratam-se de crônicas e artigos que registram e debatem a chegada e a rápida disseminação da moda esportiva nas principais cidades do país. No livro Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938, de Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), por exemplo, encontramos notícia de textos de alguns nomes importantes da literatura, como Olavo Bilac, Afrânio Peixoto e Coelho Neto, celebrando as práticas esportivas como "meios de aprimoramento físico e moral da raça brasileira"; Lima Barreto, Bastos Tigre e o jovem Graciliano Ramos, que fizeram críticas ferinas à moda do futebol; e Paulo Barreto, que sob diferentes pseudônimos (entre eles o de João do Rio), acompanhou de perto a movimentação social que acontecia em torno do esporte na capital do país.

Sobre a produção mais estritamente literária relacionada ao futebol, vazada em gêneros canônicos como a poesia, o conto e o romance, as informações relativas a essa época são bem mais escassas. Na ausência de uma bibliografia específica, é necessário recorrer a panoramas e coletâneas, como o próprio livro *Gol de letra*, organizado por Milton Pedrosa, e a informações dispersas em textos sobre a história do futebol e da literatura no Brasil. Assim, ficamos sabendo, por exemplo, da presença de situações e personagens ligados ao esporte em contos de Lima Barreto e Monteiro Lobato e em romances como *Esfinge*, de Coelho Neto (1908), e *O queijo de*

Minas ou história de um nó cego, escrito em parceria por Lobato e Godofredo Rangel (1906-1907). Registram-se nessas fontes, ainda, um poema de Apparício Torelly, que mais tarde ficaria conhecido como o Barão de Itararé, e outro de Anna Amélia Carneiro de Mendonça, escritora e militante feminista que se casou com o goleiro Marcos Carneiro de Mendonça, um dos jogadores mais emblemáticos da época em que o futebol era um esporte de elite.

É interessante notar o contraste entre essas duas obras, apresentadas na íntegra na coletânea de Milton Pedrosa. Publicado em 1916, no volume de poesias Pontas de cigarros, o poema "Match de foot-ball", de Apparício Torelly, é composto por dísticos rimados e fala, de maneira bem-humorada e em linguagem coloquial, sobre um lance de jogo em que "um jogador, feroz, deu com o pé na bola, / Que foi bater, bem certeira, na cartola // Dum cidadão que não contava com essa", provocando a ira da "louca multidão, bruta e malcriada", que "Vaiou a um bom chefe de família honrada". Na penúltima estrofe, no entanto, esse tom humorístico dá lugar à reflexão: "Parecia aquilo, em meu pensar profundo, / Vinte e duas fúrias, perseguindo o mundo" (PEDROSA, 1967, p. 112). Já o soneto "O salto", de Anna Amélia Carneiro de Mendonça, publicado na primeira edição do livro Alma, de 1926, tem um tom muito mais sério e sublime. O poema representa o marido da autora, o goleiro Marcos de Mendonça, enaltecendo a beleza de seu corpo e movimentos de atleta e fazendo uma série de referências à Grécia antiga, com seus deuses e heróis guerreiros e esportivos: "Ao ver-te hoje saltar para um torneio atlético, / Sereno, forte, audaz como um vulto da Ilíada, / Todo o meu ser vibrou num ímpeto frenético, / Como diante de um grego, herói de uma Olimpíada" (PEDROSA, 1967, p. 109).

Muito provavelmente, esta curta lista de poemas sobre o futebol escritos por autores brasileiros nas primeiras décadas do século XX poderia ser ampliada por uma pesquisa mais extensa, que incluísse as biografias e as obras completas dos escritores e trabalhos sobre a vida social e intelectual da época. Mas, nessas fontes, ficaríamos restritos a textos e escritores que já foram, de alguma forma, filtrados pela instituição literária, pela canonização de certos nomes e pelo reconhecimento prévio de seus escritos como "literários" e dignos de transmissão. A leitura dos jornais e revistas da época, no entanto, coloca-nos diante de uma boa quantidade de poemas relacionados ao esporte, assinados por nomes desconhecidos nos dias de hoje, muitas vezes usando pseudônimos cuja origem parece ser impossível apurar. Para tomar contato com essa produção poética esquecida nas páginas efêmeras das "folhas" e magazines, portanto, a única alternativa é mergulhar nos arquivos que conservam as coleções desses periódicos.

A poesia na imprensa esportiva

Nos primeiros anos do século XX, o esporte figurou de maneira discreta na produção jornalística brasileira, aparecendo geralmente por meio de pequenas notas que acompanhavam a movimentação atlética da juventude elegante nas grandes cidades do país. Mas, com o rápido desenvolvimento do futebol, esse espaço se ampliou dramaticamente, sobretudo na década de 1910, levando ao surgimento de seções especializadas nos grandes jornais e de uma série de periódicos inteiramente dedicados aos esportes. Esse crescimento acabou criando oportunidade, também, para uma diversificação da linguagem e das formas de representação utilizadas pelos jornalistas. Enquanto nos jornais o noticiário costumava ser mais sério e padronizado, refletindo os valores e o caráter de congraçamento social da vida esportiva das elites, novas abordagens eram experimentadas em outros espaços, como as revistas ilustradas e periódicos especializados. Nesses espaços, o futebol recebia um tratamento mais livre, marcado pela irreverência e pelos sentimentos de clubismo e rivalidade

que ele vinha despertando na sociedade. Além da crônica, amplamente praticada pelos jornalistas esportivos da época, é ali que surgem e ganham força a charge e a caricatura com motivos esportivos, assim como a blague e as pequenas narrativas de casos pitorescos, nas quais a seriedade da grande imprensa era perturbada por novas formas de representar e interpretar o futebol (SILVA, 2006).

No meio dessa variedade de gêneros e abordagens, a poesia também tinha seu lugar, com uma frequência e um teor que surpreendem o leitor atual, habituado ao caráter factual e objetivo do jornalismo esportivo contemporâneo e à distância reverente com que a poesia costuma ser encarada. Embora não fossem raros os poemas dedicados ao elogio dos valores nobres e civilizados do esporte, semelhantes ao soneto de Anna Amélia Carneiro de Mendonça que vimos há pouco, o mais comum eram os poemas humorísticos sobre personagens e acontecimentos do mundo esportivo, com um feitio mais próximo dos versos de Apparício Torelly apresentados acima. Quanto à forma, predominavam os modelos tradicionais da poesia da época, especialmente o soneto, geralmente mais elaborado e com uma linguagem mais culta, e a quadrinha de índole eminentemente popular. Como tema, serviam tanto os assuntos mais diretamente ligados ao próprio jogo, como o desempenho dos times e dos atletas, quanto os que diziam respeito ao público e à vida social que cercavam o esporte, com suas festas, namoros e fofocas.

Para ler alguns desses poemas, podemos recorrer ao famoso álbum de Marcos Carneiro de Mendonça, uma robusta coleção de recortes e exemplares de publicações da imprensa esportiva do início dos anos 1910 ao início dos anos 1920, período em que o goleiro fez sua carreira. Folheando suas páginas, podemos encontrar inúmeros recortes de periódicos especializados como *O Jockey, Vida Sportiva* e *O Sportman*, e de revistas como *Careta, Fon Fon* e *Leitura para Todos*, nos quais o futebol recebia bastante atenção e que, vez por outra,

também publicavam poemas sobre o esporte. Um exemplo é a quadrinha cômica encontrada num recorte de revista de 1919, acima da foto de um "frango" supostamente proposital do goleiro do Botafogo, num jogo contra o Fluminense: "Essa bolinha, senhores, / Producto de sorte e 'bamba', / Dizem muitos torcedores, / Que foi 'troço'... foi 'moamba'...". Tanto pela linguagem quanto pelo tema, o pequeno poema nos mostra como o ambiente esportivo vinha se tornando cada vez menos disciplinado e elegante, por conta do processo de popularização que já vinha se desenvolvendo.

Alguns outros exemplos interessantes podem ser colhidos no curioso jornal O Presença, órgão interno do Fluminense, do qual Marcos de Mendonça guardou dois números, publicados em 19 e 26 de maio de 1918. O caso é significativo porque, embora o Fluminense fosse o mais elegante dos grandes clubes do Rio de Janeiro, o autointitulado "jornaleco" é quase inteiramente dedicado a notas, pensamentos e pequenas narrativas de caráter abertamente jocoso, cultivando um tom de deboche e irreverência que mostra bem o clima de descontração e os sentimentos revanchistas que reinavam nos bastidores do esporte. Nas páginas d'O Presença, podemos encontrar diversos exemplares de poemas humorísticos, como o par de quadrinhas metrificadas impresso na capa do segundo número, assinado por um autor que adota o pseudônimo de "L. Minado"; evidentemente, um trocadilho infame com a palavra "eliminado":

> Quem ao tricolor pertença, E a todos os coroneis, Peço comprar o "Presença" Custa só duzentos réis.

Se fôr pessoa abastada E quizer ser bem cortez Mostre ser bom camarada, Compre um... mas pague tres!...

Nas duas edições do jornal conservadas por Marcos de Mendonça, aparecem também os poemas "De vez em quanto...", "Tres por quinzena..." e "Epitaphios", os três sem assinatura, utilizando versos de sete sílabas e estrofes de quatro versos, fazendo graça com personagens e situações vividas nos bastidores do clube. Um desses personagens, presente nos três poemas, é Valente, aparentemente um porteiro ou segurança, encarregado de controlar o acesso à sede do clube e lidar com as frequentes situações de mau comportamento que lá aconteciam. Nos poemas, Valente "defende a Thesouraria", reprimindo um sócio que "Guardou o doce o chá e o vinho / no bolso do jaquetão", faz a "barração de penetras" que tentavam invadir a sede do clube e controla as benesses distribuídas pelos diretores e figurões que o frequentavam. Encontra-se, ainda, no segundo número, um curioso soneto, também assinado por L. Minado e intitulado "Mal secreto", que se apresenta como paródia de um famoso poema de Raimundo Correia, um dos ícones do Parnasianismo no Brasil:

MAL SECRETO (parodia)

Se o sujeito que chuta e a bola fóra Põe, ouvindo a vaia da geral que nasce, Toda pedrada, tudo o que deplora Um jogador, no rosto se estampasse.

Se si pudesse no jogador de agora Ver atravez da mascara da face, Quanto typo de fama n'esta hora Nem na terceira divisão jogasse.

Quanto "fundo" dirá talvez comsigo: "Sou muito bom de véras, sou perigo", E na cabeça dos collegas gósa.

Quanta gente talvez ainda existe Que o jogo que possue não mais consiste Do que só jogar pedras e ter prósa. (CORREIA, 1961, p. 135-136)

Embora o diálogo com o soneto de Raimundo Correia seja evidente, pela duplicação de palavras, fórmulas verbais, estruturas sintáticas, sons e rimas, o conceito de paródia não parece o mais adequado para definir a relação entre os dois

poemas, pois o texto de L. Minado não se apropria do modelo de uma forma crítica e opositiva. Pelo contrário, os dois poemas são convergentes não apenas na forma mas também no tom e no tema, estabelecendo uma relação que ficaria definida de modo mais preciso como pastiche. Falando sobre os jogadores pretensiosos que, carentes de uma boa qualidade técnica, tentavam se sustentar na base da "prósa", o poema de L. Minado transpõe para o universo do futebol o tema da obra de Raimundo Correia, um texto melancólico sobre a inveja, o rancor e a falsidade. Nessa passagem de um tema sério para o universo lúdico do esporte e da vida social nos clubes, no entanto, há claramente um deslizamento do sentido, que transforma a melancolia do modelo em humor e fina ironia contra os "typos de fama" que não faziam mais do que "jogar pedras" nos campos de futebol.

Gazetas rimadas

Uma tentativa de interpretar de uma forma mais abrangente a presença desses poemas na imprensa esportiva brasileira das primeiras décadas do século XX deve passar, necessariamente, pelo esforço para entender, também, alguns aspectos do contexto em que o fenômeno se realiza. Não apenas a ascensão do futebol e o início de sua popularização, o desenvolvimento técnico e empresarial da imprensa e a proliferação das publicações sobre o esporte, mas também o momento literário, particularmente no que diz respeito à poesia e suas relações com as intensas transformações que se efetuavam na vida social e cultural do período. Nesse sentido, o livro Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil, de Flora Süssekind, oferece uma ajuda bastante valiosa, dedicando-se justamente a estudar, a partir de uma análise da crônica, da poesia e da prosa de ficção do final do século XIX e das duas primeiras décadas do século XX, as relações entre a literatura e o novo cenário sociocultural que se formava, em função dos avanços técnicos e industriais.

A tese central do livro é a de que "o que distingue a produção literária desse período" não são apenas "suas relações com as artes visuais, com uma classe em formação ou com uma rachadura sócio-política no interior das camadas letradas da sociedade brasileira", como sustentaram outros autores, mas "um confronto - primeiro hesitante, meio de longe; mais tarde convertido em *flirt*, atrito ou apropriação — com uma paisagem tecno-industrial em formação" (SÜSSEKIND, 1987, p. 15). Diante dessa nova paisagem, as reações dos escritores teriam oscilado, inicialmente, entre a rejeição, expressa em textos marcados pela superornamentação (como os de Coelho Neto e Bilac) ou pela afirmação da função do narrador (como o romance Vida ociosa, de Godofredo Rangel), e a fascinação, materializada em textos que mimetizavam as inovações técnicas (como os de João do Rio). Apenas num segundo momento essas transformações teriam repercutido de maneira mais elaborada nas técnicas de escrita literária, pela apropriação crítica de procedimentos da fotografia, do cinema, do cartaz publicitário e de outras novidades do mundo moderno, em textos de autores como Oswald de Andrade e Mário de Andrade, refletindo de maneira mais decantada as mudanças de sensibilidade provocadas pelo processo de modernização.

Entre os textos mencionados como exemplos daquele primeiro momento, Süssekind nos apresenta a uma série de subgêneros poéticos ligados à expansão da imprensa jornalística empresarial e à presença dos escritores e poetas nas redações dos jornais e revistas, como as "gazetas rimadas", dedicadas à "repetição humorística e versificada do noticiário"; os "versos-reclame", nos quais o artesanato verbal era posto a serviço do comércio e da publicidade; os poemas voltados para a crônica social e os "instantâneos em versos", inspirados pela fotografia e dedicados à captação da fugacidade de um momento passageiro (SÜSSEKIND, 1987, p. 63, 97), todos eles compartilhando o caráter efêmero e

eventualmente frívolo do jornalismo, oposto à gravidade e às altas aspirações da poesia séria, produzida para publicação em livro. Tais gêneros eram amplamente praticados por nomes como Bastos Tigre, Artur Azevedo, Emílio de Meneses e o próprio "príncipe dos poetas", o consagradíssimo Olavo Bilac, interessados em ocupar posições de prestígio nos órgãos de imprensa e nos ganhos financeiros que essa produção propiciava.

Para Süssekind, esse encontro da poesia com a nova "paisagem tecno-industrial" que estava se formando é revelador das contradições e tendências suscitadas pelo momento. Por um lado, os próprios escritores, como Olavo Bilac, muitas vezes rejeitavam essa produção e faziam questão de demarcar a distância entre ela e o trabalho que faziam como poetas sérios. Ao mesmo tempo, valiam-se de suas habilidades poéticas para enobrecer os temas, quando faziam publicidade ou crônica social. De todo modo, estabeleciam uma relação tateante com as novidades do mundo moderno, aparelhados com uma linguagem e um conjunto de gêneros e formas de sensibilidade próprios a um momento anterior. Por outro lado, a fricção entre esses dois universos levava a um deslocamento mútuo. Ao mesmo tempo em que emprestavam aura artística aos seus temas, esses textos tiravam a poesia de seu lugar tradicional. De certa forma, portanto, estavam ligados a "um processo de redefinição da ideia de arte por que se parecia estar passando no período" e testemunhavam "um alargamento do campo literário, onde então pareciam caber, ao lado de formas e imagens clássicas, penumbras e interiores, alguns xaropes, restaurantes, cervejas e magazines" (SÜSSEKIND, 1987, p. 66).

Parece bastante evidente, a esta altura, a estreita proximidade entre os poemas publicados na imprensa esportiva das primeiras décadas do século XX e o universo das gazetas rimadas, dos poemas-reclame e das crônicas em versos descrito por Süssekind. Assim como os poemas

noticiosos, cronísticos e publicitários de Bilac e companhia, eles eram produzidos para a circulação fugaz dos jornais e revistas, valiam-se da linguagem, dos clichês e das formas utilizadas pela poesia da época (especialmente a quadrinha e o soneto) e tratavam de temas menores e cotidianos, suscitados pela vida moderna e incompatíveis com o caráter elevado da poesia séria que então se fazia. O resultado desse encontro, embora por vezes também servisse para valorizar o objeto da representação, como nos poemas dedicados ao elogio dos atletas e seus feitos esportivos, na maior parte das vezes era um efeito de deslocamento cômico, provocado pelo contraste entre a nobreza das formas e a frivolidade dos temas.

Ainda como as gazetas rimadas, os poemas sobre o futebol publicados na imprensa daquela época parecem manifestar um conflito entre formas de representação e sensibilidade estética já envelhecidas, ligadas a valores e tradições em decadência, e um novo panorama cultural que estava em desenvolvimento, no qual o futebol e os demais *sports* também iam ganhando espaço. A utilização de uma linguagem e de um conjunto de formas poéticas padronizadas e herdadas da tradição soa, então, como uma maneira de falar sobre o mundo que parece desajustada a esses novos objetos de representação artística, mas que parece, ao mesmo tempo, buscar esse ajuste, por meio da força dessacralizante do riso, tensionando e desestabilizando o sentido das próprias formas poéticas, que acabam ganhando um teor irônico e humorístico.

Observa-se, assim, no campo da imprensa esportiva, aquele mesmo processo de "redefinição da ideia de arte" e de "alargamento do campo literário" detectado por Flora Süssekind, no qual o futebol também ocupava seu lugar, ao lado dos "xaropes, restaurantes, cervejas e magazines". Pareceme razoável supor que, no universo esportivo, esse processo também só se completaria mais tarde, não pela substituição da linguagem e das formas utilizadas pela poesia para falar sobre o futebol (afinal, a poesia sobre o futebol não chegou

a constituir um *corpus* de grande relevância na literatura brasileira), mas pelo desenvolvimento, nas décadas seguintes, de uma pujante tradição cronística ligada ao esporte. Uma tradição que se estabeleceu por meio de nomes como Mário Filho, José Lins do Rego, Nelson Rodrigues, Paulo Mendes Campos, Stanislaw Ponte Preta e outros, praticantes de uma prosa leve e com sabor de bate-papo, que acompanharia par e passo o processo de popularização do esporte.

REFERÊNCIAS

CORREIA, Raimundo. Mal secreto. *In*: CORREIA, Raimundo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1961. p.135-136.

FIRMO, José Mauro Rosso. *Lima Barreto versus Coelho Neto*: um Fla-Flu literário. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Ecos da Semana de Arte Moderna? A recepção ao futebol em São Paulo e o movimento modernista nas décadas de 1920 e 1930. *In*: CORNELSEN, Elcio; AUGUSTIN, Günther; SILVA, Silvio Ricardo da (org.). *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*. Rio de Janeiro: Editora Jaguatirica, 2015. p. 17-36.

MELO, Victor Andrade de (org.). *Entre o requinte e o tribofe*: *sports* e *sportsmen* na literatura do século XIX – uma antologia. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MENDONÇA, Marcos de. *Futebol brasileiro*: recortes de jornais de Marcos de Mendonça. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, I-18, 16,1 e I-18, 17,1.

PEDROSA, Milton (org). *Gol de letra*: o futebol na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Gol, 1967.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol*: o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras*: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Sobre os autores

Elcio Loureiro Cornelsen

é Doutor em Estudos Germanísticos pela Freie Universität Berlin, Alemanha, com Pós-Doutorado em Estudos Organizacionais (FGV), em História e Teoria Literária (Unicamp) e História Comparada (UFRJ). Professor Titular da Faculdade de Letras da UFMG, credenciado junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (PÓSLIT/FALE/UFMG) e ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL/EEFFTO/UFMG). É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

André Alexandre Guimarães Couto

é doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professor e pesquisador do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ). Autor da tese *Cronistas esportivos em campo: letras, imprensa e cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)*, atua como pesquisador do SPORT (Laboratório de História do Esporte e do Lazer da UFRJ) e do NEPESS (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade da UFF).

Bernardo Buarque de Hollanda

é Professor da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV). Pesquisador de história social do futebol e de história literária do modernismo no Brasil. Autor de ABC de José Lins do Rego, O descobrimento do futebol e O clube como vontade e representação, além de organizador de diversas coletâneas. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Fez pós-doutorado na University of Birmingham (2018), na Inglaterra, e no International Center for Sport Studies (2020), na Suíça.

é Doutor e Mestre em Estudos Literários pela UFMG. Graduado em Psicologia e Letras pela PUC-Minas. Realizou estágio doutoral na Universidade de Coimbra e estágio pós-doutoral no Pós-Lit/UFMG (PNPD/Capes, 2013-2018), onde desenvolveu a pesquisa "A tabelinha entre o futebol e outras práticas poéticas no Brasil". Cofundador e editor da revista *FuLiA/UFMG*. Atualmente, é leitor pelo Itamaraty em Moçambique, na Universidade Eduardo Mondlane.

Leda Maria da Costa

é Professora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora do LEME (Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte). Professora do PPGCOM-UERJ. Autora de *Os vilões do futebol. Jornalismo esportivo e imaginação melodramática* (2020) e uma das organizadoras do livro *As mulheres no universo do futebol brasileiro* (2020).

Marcel Vejmelka

éprofessorde Tradução / Espanhole Português na Universidade Johannes Gutenberg de Mainz, em Germersheim, Alemanha. Doutorado em Estudos Latino-americanos / Brasileiros na Freie Universität Berlin; graduação em Tradução Português / Espanhol na Humboldt-Universität zu Berlin (2000). Pesquisa nas áreas da tradução literária, da literatura brasileira e hispanoamericana, e da cultura popular (futebol, música e HQ's).

Marcelino Rodrigues da Silva

é Doutor em Estudos Literários e professor da área de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Faculdade de Letras da UFMG. Como pesquisador, vem trabalhando com as relações entre futebol e literatura no Brasil, tendo publicado os livros *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho* (2006) e *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura* (2014).